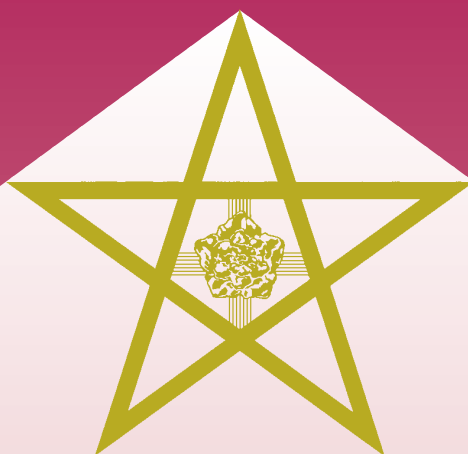


PENTAGRAMA

2003 NÚMERO I

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



«QUEM NÃO TRABALHA POR SEU RENASCIMENTO,

TRABALHA POR SUA MORTE»

O QUE É A ATENÇÃO?

NEUTRALIDADE VERSUS POLARIDADE

ATIVIDADES DE VINTE CAMPOS DE TRABALHO

O MISTÉRIO DO GRAAL EM NOSSA ÉPOCA

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS DOS MISTÉRIOS

NO CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

O SIMBOLISMO DO PÃO E DO VINHO

PENTAGRAMA

ATIVIDADES DE VINTE CAMPOS DE TRABALHO

O ano de 2002 foi marcado por importantes desenvolvimentos em vinte campos de trabalho:

novos centros de conferências e núcleos,
palestras, simpósios e cursos para
pesquisadores espirituais.

Neste número, faremos um
exame rápido de tudo que
foi realizado.



ÍNDICE

- 02 «QUEM NÃO TRABALHA
POR SEU RENASCIMENTO,
TRABALHA POR SUA MORTE»
- 06 O QUE É A ATENÇÃO?
- 11 NEUTRALIDADE VERSUS
POLARIDADE
- 14 ATIVIDADES DE VINTE
CAMPOS DE TRABALHO
- 30 O MISTÉRIO DO GRAAL EM
NOSSA ÉPOCA
- 39 INFLUÊNCIA DOS
PLANETAS DOS MISTÉRIOS
NO CAMINHO DA
LIBERTAÇÃO
- 42 O SIMBOLISMO DO PÃO
E DO VINHO

ANO 25
NÚMERO 1



«QUEM NÃO TRABALHA POR SEU RENASCIMENTO,
TRABALHA POR SUA MORTE.» *Bob Dylan*

«Rinocerontes», peça de Eugène Ionesco, coloca em cena um conjunto de personagens heterogêneas, bem comuns, como se vê todos os dias. Elas têm simplesmente sua personalidade e suas opiniões, que, quando necessário, defendem com ardor. Num belo domingo de verão, um acontecimento inesperado lhes dá a oportunidade de demonstrar como isso funciona.

Há dois personagens principais: Jean e Béranger. No diálogo, Ionesco traz à tona a diferença do caráter de cada um. Estão os dois sentados na calçada

de um café. Jean tem aparência impecável, enquanto Béranger é bastante negligente.

Jean: *Não tenho tempo a perder. Conheço meus deveres e quero ser alguma coisa na vida.*

Béranger: *Nem todo mundo tem a sua determinação. Eu, por exemplo, não me acostumo com a vida.*

Jean: *Todos devem se acostumar com a vida. Você seria de natureza superior? O homem superior é aquele que cumpre seu dever.*

Eis que, no meio da conversa, acontece algo totalmente incomum. Ouve-se, de repente, o tropel e o arfar de um

rinoceronte aproximando-se a galope. Os protagonistas travam discussão desenfreada até que Jean e Béranger retomam o diálogo.

«A VIDA É ANORMAL»

Béranger: *Tenho angústias difíceis de definir. Não me sinto à vontade na vida. Sinto, a cada instante, como se meu corpo fosse de chumbo ou como se eu carregasse outro homem nas costas. Não me acostumei comigo mesmo. Não sei se eu sou eu.*

Jean: *Peso mais que você e, no entanto, sinto-me leve, leve, leve... Sou forte, porque tenho força moral.*

Béranger: *A mim me custa ter forças para viver. Talvez não tenha mais vontade. É uma coisa anormal, viver...*

Jean: *A vida é uma luta. É covardia não lutar! É preciso segurar as pontas até o fim. Não me deixo ficar à deriva. Vou sempre para frente, no caminho certo!*

NOVAMENTE OUVES-SE O GALOPE E O ARFAR DO RINOCERONTE

No escritório de Béranger, fervem as conversas entre os que avistaram a besta: *É um animal enorme, horrível!* Um dos funcionários entrou em pânico. Não, ele não virá aqui. Ou melhor, poderia vir, mas não pode subir as escadas que desabariam sob seu peso. Dizem que um homem virou rinoceronte. Não apenas ele, mas, por fidelidade conjugal, também sua mulher.

Jean não foi ao trabalho. Ele está doente. Não se sente nada bem. Sua voz está estranhamente rouca. Suas roupas apertam-lhe o corpo e sua pele adquiriu um tom esverdeado. Está com dor de cabeça e muito nervoso. Béranger faz-lhe uma visita, e falam de rinocerontes.

Jean: *Afinal de contas, rinocerontes são*

criaturas como nós e têm igualmente direito à vida.

Béranger: *Mas você percebe a diferença de mentalidade entre o homem e o animal? Temos nossa moral, que julgo incompatível com a dos animais.*

Jean: *Moral! Falemos da moral... Precisamos nos sobrepor à moral. A natureza tem suas próprias leis. É preciso retornar à unidade primordial.*

Béranger, perturbado: *Você gostaria, então, de ser um rinoceronte?*

Jean: *Por que não? Há vantagens. Adoro mudanças... os pântanos! Os pântanos!...*

E Jean transforma-se diante de seus olhos. Torna-se cada vez mais agitado. Tudo muda: sua pele, sua voz. As reações são brutais, e um chifre cresce em sua testa. Jean transforma-se em rinoceronte.

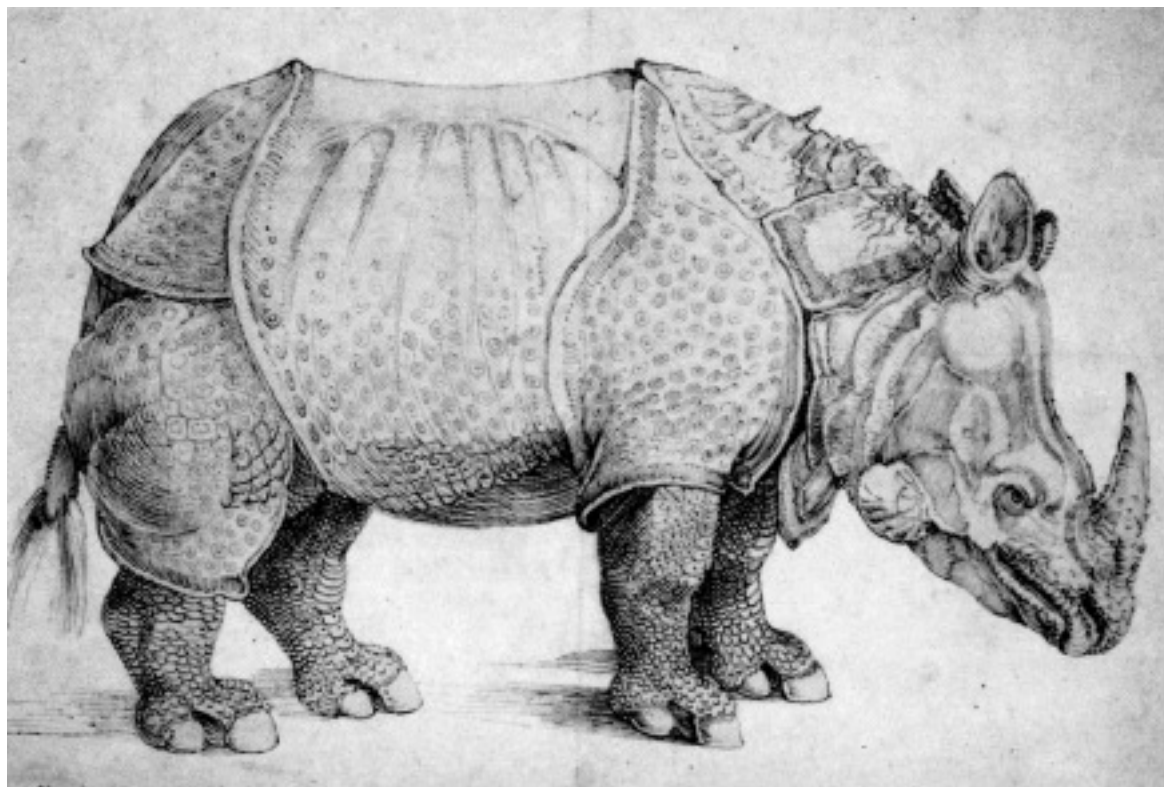
Ouve-se, ao longe, o tropel de uma manada de rinocerontes que tudo destrói em sua passagem.

«UM CAPRICHIO DA NATUREZA»

Béranger sente-se desconfortável: *Talvez esses rinocerontes não passem de*

De baixo e de cima, nuvens ameaçadoras escondem a luz. Tempestade na Europa, outubro 2002. Foto Pentagrama.

Eugène Ionesco, criador do «teatro do absurdo», nasceu em 26 de novembro de 1912 em Slatina, Romênia. Em «O Solitário», 1973, escreveu: Sempre achei estranho que alguém pudesse ser considerado anormal por pesquisar continuamente o sentido do universo, do homem e de sua própria vida - o que veio fazer aqui, se é que realmente há alguma coisa a fazer. Parece-me anormal, ao contrário, que as pessoas não pensem nisso e se deixem viver numa espécie de inconsciência. Talvez, irracionalmente, acreditem que tudo se tornará claro um dia e que talvez haja misericórdia para a humanidade. Talvez haja misericórdia para mim. Para Ionesco, o homem e a humanidade são manipulados. Em «Rinocerontes», ele se coloca contra a psicose de massa que se estende sobre os grupos humanos como um manto astral.



um capricho da natureza, de uma epidemia. Mas isso me corta o coração. Teria eu humor para ver essas coisas com desprendimento?... Não consigo ficar indiferente...

Um colega: Não concordo. Se nos preocupássemos com tudo o que acontece, não poderíamos mais viver. Começo a me habituar aos rinocerontes. Não, não é fatalismo; é sabedoria. Somos seres pensantes. Deve-se ter, a priori, opinião favorável e espírito aberto, o que é próprio da mentalidade científica.

Béranger: Mas um homem que se transforma em rinoceronte, isso, definitivamente, não é normal!

O colega: Pode-se saber onde acaba o normal e onde começa o anormal? Todos têm o direito de evoluir. É preciso acompanhar os tempos, ter um espírito coletivo... Acostumamo-nos ao fato de que uma minoria se transforme em maioria. O dever nos prescreve estar com nosso próximo nos

bons e maus momentos.

Béranger: Pelo contrário. Temos o dever de resistir a eles, de ficar vigilantes, firmes. Afinal, somos HOMENS!

O tropel dos rinocerontes intensifica-se. Eles invadem a cidade, devastando tudo pelo caminho.

Daisy, outra colega (por quem Béranger é apaixonado): Ah, esqueça os rinocerontes. Há outras coisas na vida. Veja o que se passa a seu redor. Ter sentimentos de culpa é um sintoma perigoso. Tentemos não mais nos sentir culpados. Temos o direito de ser felizes.

Béranger: Não posso, pois o mundo está doente.

Daisy: Os rinocerontes são os novos homens e parecem estar bem. Que pretensão crer que somos os únicos a ter direitos. Não há direito absoluto. O mundo dos rinocerontes tem o direito de existir.

Béranger: E como fica nosso amor em tudo isso? Você havia dito, no entanto,

O egoísmo exacerbado pode transformar o homem em um inabundável rinoceronte. Albert Dürer (1471-1528), British Museum, Londres, Inglaterra.

que o amor nos protegeria dos rinocerontes.

Daisy: *Amor... esse sentimento doentio! Essa fraqueza humana não pode ser comparada ao ardor, à extraordinária energia liberada pelos seres que nos circundam. Antes de conhecê-los, acharíamos que nada fazem a não ser bramir. Não é verdade: eles cantam. Eles não patinam, mas dançam. Não são monstruosos: são belos. São deuses... Você e eu não temos mais nada o que fazer juntos.*

Ouve-se novamente o bramido e o ruidoso bater de cascos de uma manada. Uma espessa nuvem de poeira sobe à janela. Os céticos, os intelectuais, os buscadores de liberdade, os charmosos vizinhos do lado, e, sim, a própria Daisy, todos se transformaram em rinocerontes.

Béranger, acobardado: *Será que é verdade que eles são bonitos, e eu, horrível?... Não. Não irei com eles. Vou me defender contra o mundo. Serei o último dos homens e assim permaneceré até o fim! Não capitularei!*

Ionesco faz Daisy dizer: *Há outras coisas na vida. Procure o que lhe convém.* De certa forma, Daisy tem razão, porque o homem, como filho da natureza dialética e herdeiro de incontáveis moradores de seu microcosmo, está sujeito a uma infinidade de impulsos e formas de interferência. Ele enfrenta um conflito permanente devido às oposições dentro de si mesmo. Esse é o preço que tem de pagar para poder dizer: «EU SOU». É um preço alto que o obriga a viver continuamente na angústia e na incerteza. O homem deve prestar atenção para não perder o seu «EU», que, no entanto, é transitório. Ele foi preparado para aceitar um mundo de mentiras, trapaças e concessões. Deveria encarar essa miséria de frente, antes que seja tarde demais e

que ele seja completamente engolido, prisioneiro de seu próprio engano e cúmplice dos poderes que o manipulam. Daisy tenta persuadir seu colega com a apologia do não se sentir culpado, já que todos têm o direito de ser felizes.

E Béranger? Em seu ambiente, passa por alguém insignificante, que não tem os pés no chão. Resistirá Béranger? Ele não pode e não quer mais viver num mundo em que os rinocerontes imperam. Sentiu intuitivamente a catástrofe chegar e rejeita o homem que se identifica com o animal. Ignora as forças animais que comandam o jogo no homem, mas sente sua presença: *Tenho angústias difíceis de definir. Não me sinto em casa neste mundo*, diz ele a Jean. Acha que a vida do homem sobre a terra é anormal, irreal, um «sonho». Qual seria, então, o sentido da existência?

Para Béranger, não há alternativa: o verdadeiro homem deve se opor a um mundo que está perdendo sua alma. Então, soa a questão: quem é o verdadeiro homem? Com que se parece? Com toda certeza, não é o homem-rinoceronte. É o homem-alma original que, no coração de cada ser humano, aguarda a libertação; é aquele que deve despertar, ressuscitar e renascer. Bob Dylan, cantor americano de música pop, escreveu em uma de suas canções: *Quem não trabalha por seu renascimento, trabalha por sua morte.* O renascimento da nova alma ainda embrionária, apesar da dor que é natural a todo nascimento, traz consigo alegria e gratidão infinitas, uma vez que a nova alma provém do átomo primordial. A nova alma renasce no coração dos homens, agora, em nossos dias! Quem descobre esse mistério empreende o caminho que leva ao «bom fim».

O QUE É A ATENÇÃO?

A vida é dedicada, em grande parte, a dar e receber atenção. É uma forma de concentração dirigir seus pensamentos a alguma coisa, refletir sobre ela, escutar com cuidado e interessar-se.

Esta é a definição de uma atividade consciente. Nos momentos frequentes em que estamos menos conscientes, há um relaxamento da atenção, da troca voluntária de energia, seja ela vital, emocional ou mental. Sabemos agora que o homem não pode conservar sua energia vital intacta. Ele a utiliza e a transmite, colorida com sua vibração pessoal. Precisamos de energia para viver, mas quem é capaz de atrair e de assimilar diretamente energia em seu estado puro? É por isso que as pessoas buscam uma aproximação com a família, o grupo, o povo, a raça de que fazem parte, onde circula energia cuja vibração lhes é necessária e corresponde à sua cor pessoal.

Essas correntes de energia têm uma vibração específica, uma cor que resulta do caráter do grupo. A energia que circula no grupo é como que aprisionada no campo de tensão coletivo. É como um bastão de revezamento que passa de mão a mão. Ninguém pode ficar com ele muito tempo. Ele é pego e depois passado para frente. A força assim ativada é mantida no grupo e dá suas voltas

sem que haja renovação nem crescimento. No grupo, delinea-se uma certa uniformização que, se o circuito não for interrompido, se comunicará a todos os seus membros. Reconhecemos, assim, que eles pertencem ao grupo no qual são formadas, paralelamente, uma série de hábitos específicos, de formas de agir, de rituais e de códigos comportamentais que fazem com que a vibração da energia em circulação já não mude mais ou mude muito pouco. Em todo caso, ela não se elevará.

O grupo oferece uma relativa segurança, mas se queremos nos emancipar, ele se torna uma prisão. Uma família representa, a princípio, um porto seguro para a criança que cresce, porém, assim que sua própria existência se faz prevalecer, pode acontecer que ela sinta a família como uma prisão. São anos difíceis para os pais porque o filho ou a filha emprega toda a sua energia juvenil para demonstrar seus erros e a quebrar as regras. Isso, no entanto, é necessário, e quando não for feito corretamente, o jovem cai novamente na rotina e nos hábitos familiares. Acontece a mesma coisa nos grupos políticos, nos grupos de torcedores, nas associações, nos clubes, nas congregações religiosas, nas comunidades fechadas. São esferas que têm sua própria vibração mantida pelos seus membros. E aquele que vê as rachaduras do edifício e se insurge é rejeitado



pele grupo! Para as crianças em pleno crescimento, a rejeição é um duro golpe que as priva de sua terra nutridora.

A troca de energia se produz continuamente. Consciente ou inconscientemente, ela ocorre a cada pensamento, emoção, ação, numa conversa, na leitura de um livro, um jornal, uma revista, escutando o rádio ou assistindo televisão. O menor contato direto ou indireto permite uma troca e uma assimilação de energia. Sua amplitude depende do engajamento na relação e da concentração dos sujeitos que participam dela. Quanto mais concentrados, mais atentos. Um artista no palco, por exemplo, gosta de ter diante de si uma sala cheia para criar essa interação. Ele recebe a energia do público, e a devolve acrescida de sua inspiração pessoal. Ele cativa, assim, os espectadores.

Esses processos acontecem com todos os seres vivos. As plantas, por exemplo, atraem a atenção dos insetos com seus perfumes e cores, sinais externos que desempenham um papel importante na reprodução, pois as plantas geralmente precisam de uma forma de vida exterior à sua própria espécie para poder perpetuá-la.

O que acontece entre os animais é bastante parecido. Eles dispõem, além disso, de mensagens comportamentais e expressões corporais, especialmente entre as espécies evoluídas, e mais ainda entre os seres humanos: atraímos a atenção de nossos semelhantes por sinais exteriores, gestos específicos, sons, roupas, cores e cheiros. Não é unicamente com uma finalidade de conservação da espécie, mas para a autoconservação. Em relação a isso, dispomos de um grande leque de modelos psíquicos

Concentrado no mundo das próprias experiências. Um mercado em Marsaxlokk, Malta.
Foto Pentagrama.

análogos aos de certos animais. A planta precisa de uma forma de vida exterior. O animal capta a atenção de seus congêneres e o homem se alinha a esse mesmo modelo biológico. Ele se dirige aos outros, aos que o cercam, para expressar-lhes uma superioridade qualquer.

A criança, para sua respiração etérica, é dependente de seus pais, especialmente de sua mãe. No decorrer de seu crescimento, sua dependência diminui para dar lugar, por volta dos sete anos, a uma assimilação autônoma. O «cordão umbilical etérico» que liga a criança a seus pais rompe-se progressivamente. Quando este processo é mal conduzido, resulta dele uma criança que tem os mais estranhos caprichos para atrair a atenção de seus pais enquanto, por exemplo, eles estão conversando com um convidado. Após os sete anos, a troca de energia com terceiros continua a determinar o comportamento da criança que se sente incompreendida, por exemplo, quando volta da escola, esgotada, depois de um dia difícil. Ela precisa que lhe dêem atenção e fará tudo para atraí-la. Cada um faz isso a seu modo. Os adultos também têm o seu modo, mas o princípio permanece o mesmo: há uma fome que precisa ser saciada. Um ser que se sente ignorado, deixado de lado, abandonado, tenta atrair a atenção de que ele necessita para reencontrar o seu equilíbrio.

O «buscador» aspira a uma consciência mais vasta, mais elevada, talvez até a uma outra consciência, mas um desenvolvimento da consciência acaba, muitas vezes, em uma expansão em vez de um aprofundamento. Às vezes, também, corresponde a uma mudança vibratória. Quando conseguimos ultrapassar certas limitações, pode se estabelecer uma troca de energia espiritual. No início, isso só diz respeito ao plano horizontal, mas assim que a atenção se desloca do exterior para o interior, a consciência começa a crescer interiormente, a se aprofundar e a amadurecer. Há, portanto, a necessidade de uma abertura da consciência para compreender esse novo desenvolvimento, o que permite, em seguida, dar continuidade ao processo de aprofundamento e de amadurecimento.

Esse procedimento deve ser comparado com o desenvolvimento da consciência da criança. Durante os primeiros anos de sua vida, ela absorve os impulsos como uma esponja. Depois, quando ela se torna apta a vivenciar, chega a fase de busca de ídolos. Em seguida, inicia-se o período da reflexão, e da crítica! A cada passo, a consciência cresce, tanto exterior quanto interiormente. E, no decorrer desse crescimento, se a consciência de um único indivíduo alcançar uma certa vibração, poderá ocorrer que uma outra consciência, interior e totalmente desconhecida, se manifeste. É uma etapa indispensável, sem a qual nada mudará na consciência que se fechará em uma espiral cada vez mais restrita.

Como perceber e reconhecer essa outra consciência? Parece simples demais responder que é preciso uma atenção constante a essa nova cons-



ciência. E no entanto é esse o caso! Infelizmente, acoissadas pela vida moderna, pouquíssimas pessoas conseguem fazê-lo. Existem estágios de desenvolvimento da consciência pessoal de todas as espécies, mas não é sobre isso que falamos. Para adquirir essa nova consciência – e não uma

variante da antiga consciência – é necessário desembaraçar o espaço em torno de um ponto sensível bem preciso de nosso ser e dar-lhe uma atenção contínua. Este ponto sensível é o último ponto de contato entre o homem interior e seu Criador. Um período de conflitos interiores

Abertura e
inocente espera
do que deve vir.
Prospecto
Newsky,
São Petersburgo,
Rússia.
Foto
Pentagrama.

intensos não deixa de preceder esta orientação!

Dirigir a atenção pressupõe uma meta. O rumo e a meta são indissociáveis. É a imagem de um arqueiro que, totalmente concentrado, aponta sua flecha para o alvo. Ele só se aplica em visá-lo. Ele deve encontrar uma boa estabilidade, bem apoiado sobre os pés.

O homem deve ter os dois pés no chão para alcançar esse ponto de intersecção espiritual. Como fazer? Nos momentos de dúvida, mesmo que busque uma base sólida, ele é como um navegante sobre um mar revolto. Toda a atenção e toda a energia são direcionadas a buscar uma passagem e a manter o rumo, na esperança de alcançar um porto seguro.

Fixar a atenção exige um ponto de partida estável. Esse ponto parece difícil de ser encontrado na agitação de nossa vida cotidiana, mas não é aí que é preciso procurá-lo, pois não é aí que ele se encontra. Esse ponto é o núcleo de nosso próprio campo microcômico. Aquele que parte em busca desse ponto fixo em seu próprio universo acaba por se indagar: *No fundo, no que eu acredito? O que me anima? O que, para mim, é essencial na vida?*

Podemos esquivar-nos a essas perguntas, mas quando elas se impõem, vasculham nossa consciência até o fundo. O cérebro não consegue dar uma resposta decente, pois logo fica muito enredado em suas próprias dúvidas. Porém, o simples fato de essas perguntas serem feitas implica que a atenção já esteja dirigida para uma outra vibração, diferente da diária. Se damos uma resposta, desviamos a atenção. Dar uma resposta equivale a projetar seu próprio

entendimento, e o entendimento não pode avaliar a resposta, pois não é de natureza apta a captar a vibração dessa resposta.

A resposta é essencialmente o que é aquele que indaga. Como ele vive e qual é sua relação com os seus semelhantes... Ele é a própria resposta, com a forma e a cor que lhe são pessoais. A resposta é o que liga os homens entre si, o que faz com que sejam semelhantes, tanto em seu desejo mais elevado, como em sua orientação que concentra a atenção sobre os três indicativos do enigma «homem» (o que ele é, como vive e sua relação com outrem). São semelhantes também no anseio por uma resposta certa: assim, a resposta faz de cada homem um ser único e autônomo. Ela o torna, ao mesmo tempo, diferente e semelhante. Nisso, ele alcança a unidade, depositada nele desde o início.

A simples resposta consiste também no surpreendimento. A mesma admiração muda que vemos, às vezes, nas criancinhas. A surpresa de ser, por mais bizarro que seja o mundo e por mais estranhos que sejam os fenômenos, de maravilhar-se de ver que todos os homens caminham na mesma direção e que muitos alcançarão um “bom fim”. É, por fim, a verdadeira admiração, a atenção criadora que impulsiona o mundo para a beleza; que faz deste mundo um milagre. Um maravilhamento que surge de uma fé real e de uma confiança absoluta. Já não há a morte como única certeza, porém a fé, sem ídolos, alimentada pela própria Vida. Uma fé tão poderosa que já não necessita de palavras.

NEUTRALIDADE VERSUS POLARIDADE

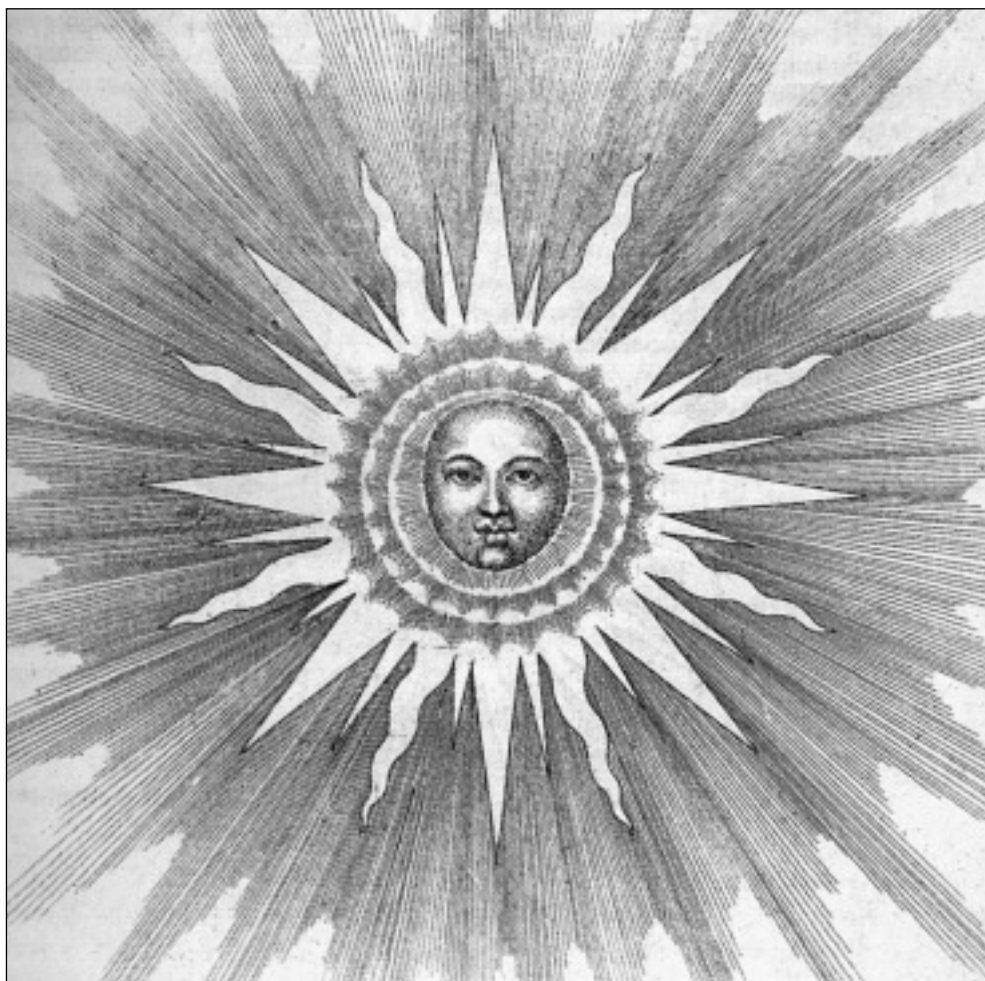
Na linguagem corrente, o conceito neutralidade nem sempre tem um sentido favorável. Não é nem sim nem não. Não é pertencer a nenhum desses dois pólos, a nenhuma dessas duas partes. Esse conceito é associado à indiferença, à frieza, ao fato de manter-se isolado. Em física, um nêutron é uma partícula de um núcleo atômico, eletricamente neutro, quer dizer, sem carga. Em latim, «neuter» significa «nem um nem outro», neutro.

A polaridade determina toda existência. A vida terrena se desenvolve entre os dois pólos magnéticos, norte e sul. Entre duas cargas elétricas, positiva e negativa, se estende um campo energético, caracterizado pela natureza dos dois pólos. Uma coisa é «boa» na medida que ela se aproxima do pólo «bem», ou «má» quando ela se aproxima do pólo «mal». Bem e mal oscilam entre dois pólos e seu valor é relativo às diferenças culturais que os manipulam. É a mesma coisa para bom e mau, aceitável e inaceitável, agradável e desagradável, quente e frio, etc. Os dois pólos, os dois extremos, só existem e funcionam por uma força que os une. Um átomo explodiria se as partículas do núcleo, fortemente carregadas, não fossem soldadas entre si pelos nêutrons que possuem uma força bem superior às das partículas.

«É SOMENTE PELO ESPAÇO VAZIO QUE ELES SÃO ÚTEIS.»

O que não é polarizado, o neutro, possui uma força maior do que o que é polarizado. Hermes Trimegisto diz: *Tudo o que está em movimento não é movido por alguma coisa, no interior de alguma coisa? Será que não deve aquilo no qual o movimento ocorre ser maior que a coisa em movimento? A causa do movimento não é ela mais poderosa do que a coisa movida?* E Lao Tsé diz a respeito do não-ser, que ele compara ao espaço vazio: *Os trinta raios de uma roda convergem para o centro, mas é somente pelo espaço vazio que eles são úteis... É por isso que o ser, o material, tem seu interesse, mas é do não-ser, do imaterial, que depende sua utilidade.* Uma corda estendida não produz nenhum som quando é puxada de um só lado. O som ressoa quando a corda volta à sua posição inicial, ao equilíbrio. O meio exato é um estado de repouso mais fortemente carregado que os dois pólos entre os quais ele se encontra.

Na vida cotidiana, o ser humano enfrenta a oposição dos dois pólos. Ele deve continuamente fazer uma escolha, mas nele se encontra uma força, um poder neutro, muito maior do que aquele dos pólos que tentam apoderar-se dele. Esse poder repousa no centro do microcosmo como um sol invisível. Se ele é em-



pregado de modo justo, a força divina se torna ativa, a força que é superior a todas as forças da natureza polarizada. Ela é capaz de levar o homem de volta ao estado original, imortal, que precedeu a existência do mundo dos opostos.

«MESTRE, MESTRE, ESTAMOS MORRENDO!»

No Novo Testamento existe a parábola dos apóstolos que viajaram de barco até a outra margem (Lucas 8:22). No ensinamento da Rosacruz Áurea, a outra margem designa o novo campo de vida. Jesus, representando este campo, estava com

eles. Durante a travessia, Jesus dormiu. Ou seja: o representante do novo campo de vida se tornou inativo. Uma tempestade se levantou, as ondas aumentaram. As polarizações se intensificaram e os discípulos começaram a ter medo pela sua vida. Lembrando-se, então, que Jesus, o enviado divino, estava com eles, acordaram-no e pediram socorro: *Mestre, mestre, estamos morrendo!* Ele se levantou, intimando as ondas a se acalmarem e as águas se apaziguaram. A oposição entre os pólos, a origem da tempestade, foi neutralizada. Assim, volta a calma ao campo de respiração do homem logo que ele se abre ao princípio neutro no

O sol, em toda sua majestade, governa a vida inteira.
Robert Fludd,
Utriusque Cosmi,
Oppenheim,
1617.

centro de seu microcosmo.

É próprio da natureza do homem que ele seja sempre atraído e implicado «no movimento dos opostos», como o pêndulo de um relógio: basta um impulso mínimo para fazê-lo funcionar, enquanto que a força de gravidade tende a atenuá-lo. A força crística universal remete invariavelmente o homem para o caminho do justo meio, mas enquanto vive no campo de tensão entre os dois pólos, ele ignora esse caminho. Ele se entrega demasiadamente ao desvio do estado de repouso que chama «sua vida»: a luta pela existência. Agora, com toda a sua energia, ele se entrega à peleja e não percebe que assim fecha o caminho do meio. O caminho é traçado desde o início em seu microcosmo e a morte não o interrompe. É o caminho da harmonia interior, da sabedoria divina e do amor imparcial. Não é uma via que às vezes atravessa um vale de ódio e às vezes culmina nos ápices de amor e de felicidade. Há rastros desse caminho em nossa lembrança e por isso sentimos no coração uma indefinível nostalgia. Nos momentos de grande desespero, pode acontecer que esse caminho se aclare um pouco e conduza à salvação.

A FORÇA DO MEIO PODE NOVAMENTE SE EXPRESSAR

Evidentemente, pode-se atingir este caminho abandonando o campo de batalha, já não se prendendo a um ou a outro pólo, libertando-se e abstendo-se de julgar e de criticar os outros. Então, a força do meio de novo se manifesta e a vida original desabrocha. O homem verdadeiro em nós pode renascer. Jesus inicia seu crescimento até o estado de Cristo, até o estado de Alma pura,

consciente do Espírito divino que a guia. É o que Lao Tsé chama Tao:

*Olhas para Tao e tu não o vês;
ele é denominado o invisível.
Escutas Tao e tu não o ouves;
ele é denominado o inaudível.
Tocas Tao e tu não apalpas nada;
ele é denominado o imaterial.
Faltam palavras para definir
esta tríplice indeterminação; razão
pela qual elas se fundem numa só.
O que está acima de Tao não é a luz;
O que está abaixo não é a treva.
Tao é eterno e não pode receber um
nome; ele sempre retorna ao não-ser.*

*Tu te aproximas de Tao
e não enxergas o seu começo.
Tu o segues e não enxergas o seu fim.
Deves penetrar o antigo Tao para
poder dominar a existência presente.
Aquele que conhece o começo do original
tem em suas mãos o fio de Tao.*

A volta ao original começa no núcleo divino do coração. A força que ele encerra se eleva como Tao, acima de toda polaridade. Aquele que utiliza essa força neutra na vida cotidiana verá se acalmarem as tempestades reprimidas por forças muito mais poderosas. Plenamente consciente, ele se mantém entre os pólos do seu mundo, impotentes de desviá-lo do justo meio. Sem evitar o mundo, ele está a serviço de outrem porque encontrou o caminho do meio.

FONTES:

J. van Rijckenborgh, *A arquignosis egípcia e seu chamado no eterno presente*, t.1, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1984.
Tao Teh King, capítulos 11 e 14. Paráfrase de C. van Dijk, Nederlandsche Keurboekerij, Amsterdam.

ATIVIDADES DE VINTE CAMPOS DE TRABALHO

2002 foi marcado por importantes desenvolvimentos em vinte campos de trabalho: novos centros de conferências e núcleos, palestras, simpósios e cursos para pesquisadores espirituais. Esse empenho é comprovado, por exemplo, pelo grande número de participantes nos simpósios na Suécia, Noruega, Finlândia, Alemanha e Holanda. O fato de que muitos aceitam as conseqüências do que encontraram é também demonstrado pela intensa participação nas conferências em todos os países que oferecem essa oportunidade.

A Grã-Bretanha tem agora seu próprio centro de conferências; em Uny, na Hungria, foi finalizado o belíssimo complexo templário do Centro de Conferências Pelikan; o México inaugurou seu primeiro núcleo. Foram também inaugurados um núcleo em Poznan (Polônia) e a nova sede central internacional, o Centro J. van Rijckenborgh, em Haarlem. Numerosas estruturas já existentes foram ampliadas e reformadas para aumentar o espaço dedicado aos pesquisadores.

Um exame rápido permitirá apreciar o que já foi realizado.

O conjunto templário do Centro de Conferências Pelikan em Uny, Hungria, é constituído de módulos em forma de pentagrama.



O TEMPLO PELIKAN EM UNY,
HUNGRIA, PRONTO PARA SUA TAREFA

«Do Oriente se eleva a Luz
e a Aurora desponta.
Uma nuvem dourada
afasta o passado para sempre.»



Uny, Hungria, sábado 2 de novembro de 2002. Um pálido sol matinal revela o novo conjunto templário do Centro de Conferências *Pelikan* escondido na neblina. Um engenhoso conjunto de pentágonos grandes e pequenos surge do verde luminoso e reflete-se no espelho das águas calmas da fonte. Em 2 de novembro de 2002, juntaram-se aos quinhentos amigos húngaros cento e quarenta pessoas vindas do Canadá, da Bélgica, Alemanha, França, Itália, Croácia, Áustria, Polônia, Romênia, Sérvia, Eslovênia, Eslováquia, Espanha, República Tcheca, Suíça e Holanda. Durante a cerimônia inaugural, o intendente, Sr. Zoltan Aczel, disse: *No deserto da*

natureza dialética jorrou uma fonte. Agradecemos a todos os que contribuíram para isso. Agradecemos-vos pelo vosso sacrifício, pela vossa dedicação, pela vossa fé e pela vossa vontade purificada da dúvida pela ação do Fogo. Assim, nosso projeto espiritual de construir um templo pôde se realizar de baixo para cima. A estrutura do templo Pelikan é, como em todos os templos gnósticos, constituída segundo o microcosmo original divino. Ela mostra o processo de transfiguração do microcosmo em suas linhas de força. O símbolo do renascimento é o Pentagrama, e essa foi a proposta para o primeiro projeto do templo: de comum acordo com a Direção Espiritual Interna-





A pedra fundamental do Centro de Conferências de Uny. Em baixo: o brasão de Uny com um pelicano e seus três filhotes, um antigo símbolo gnóstico.

cional, escolheu-se o pentágono regular. Em setembro de 2001, a planta estava pronta e, durante aquele mês, foi lançado o marco fundamental. Hoje, treze meses mais tarde, somos testemunhas de uma grandiosa realização. Este templo não é um monumento, mas o lar do presente vivo; um local para acolher a eternidade em nosso mundo do espaço e tempo. É um ramo jovem, pleno de seiva, ligado à árvore da qual vêm todos os templos e todos os núcleos e da qual todos eles se nutrem. Que este novo ramo dê frutos em abundância! A árvore chama o

buscador, ensina-o, nutre-o e o conduz à Casa.

Há nove núcleos na Hungria e, atualmente, um Centro de Conferências equipado para seiscentas pessoas. Tudo o que se passou depois da abertura da cortina de ferro é um verdadeiro milagre! Dois anos após a primeira palestra pública em Budapeste, em 1984, aconteceu a primeira conferência de renovação, com a presença de cinquenta e dois participantes vindos da Hungria, Suíça, Alemanha e Holanda. Em 9 de fevereiro de 2002, foi colocada a primeira pedra do templo Pelikan em Uny. *O templo Pelikan será construído em um momento particular. O mundo entrou em nova era e, com ele, também a Escola Espiritual. Não devemos ver os acontecimentos de fora, mas nos colocar no meio deles. Por essa razão, nossa responsabilidade é grande. Devemos encarar o futuro.*

Um pelicano de alabastro foi previsto para o hall de entrada do templo, simbolizando a missão de todos os que se reúnem para realizar seu trabalho espiritual. *O pelicano é um pássaro*



Os projetos dos templos estavam prontos desde junho de 1999, e dois terços da soma necessária para sua execução já se encontravam disponíveis antes do lançamento da primeira pedra. Além disso, cada aluno húngaro participou da elaboração de uma edição especial e única de Parsifal. É uma pedra de construção. O texto está escrito em lindíssimo papel, adornado por maravilhosas ilustrações. A capa é de madeira com decorações em cobre. Quem se interessar por adquirir essa obra, pode entrar em contato com a Rozekruis Pers ou usar o correio eletrônico lruny@mail.holop.hu

ro branco que, planando sobre as águas originais, toca-as com seus pés, símbolo da criação e do renascimento. Que possamos abandonar o erro, e que nosso ser siga o processo original da criação. Elevemo-nos ao arco-íris místico do sétuplo sangue do pelicano. Tal é a mensagem transmitida pelo artista nessa obra.

Duas semanas depois da inauguração do templo, houve, como todos os anos, o Dia de Portas Abertas, de sexta-feira à noite até sábado de manhã. Cento e oitenta pessoas compareceram, seja pela chamada na Internet, seja a convite de alunos. O programa constou de visita às instalações do prédio, de refeição em conjunto e de troca de idéias entre os presentes. Foi proferida uma alocução no templo novo, durante a qual foram apresentados os fundamentos da Rosacruz Áurea. À alocução seguiu-se animada discussão em torno de várias perguntas: Como os rosacruzes vivem seu ensinamento? Que é a queda? Como funciona o processo de transfiguração? A vivência da doutrina da Rosacruz Áurea influencia os acontecimentos mundiais?

GIORDANO BRUNO, INSPIRADO PELA LUZ DIVINA

Por essa razão, é inútil buscar o que se encontra fora do espaço: vazio ou tempo. Nesse vazio encontram-se inumeráveis planetas, como este em que vivemos. O espaço é infinito e não pode ser limitado nem por nossa razão, nem por nossa percepção sensorial, nem pela natureza. Há um número infinito de mundos como o nosso. Estas palavras de Giordano Bruno (1548-1600), filósofo italiano inspirado pela Luz, foram o fio condutor do simpósio que lhe foi dedi-



cado em maio de 2002, em *Renova*. Na oportunidade, alternaram-se, durante todo o dia, palestras e intervalos musicais.

A ROSACRUZ E O MISTÉRIO DO GRAAL

Sábado, 30 de novembro, quatrocentas e cinquenta pessoas interessadas reuniram-se em *Renova* para



Simpósio em *Renova*.



Anúncio e cartaz convidando para uma palestra pública em Moscou.

seguir as «pegadas» do Graal. Um dos textos apresentados no simpósio sobre o Graal realizado no Centro de Conferências *Christianopolis*, em Birnbach, Alemanha, em 24 de maio de 2001. encontra-se na página 30.

Após recepção em que foram servidos chá, café e bolo, os participantes puderam assistir à primeira das quatro conferências, *O Graal no mundo ocidental*. Logo após, seguiram-se um intervalo musical e uma pequena leitura sobre *As fontes do Graal*. Depois de um almoço vegetariano, foram feitas duas outras conferências: *Graal, uma realidade interior* e *O mistério do Graal em nossos dias*. No encerramento, cada participante recebeu um pequeno livro da série *Cristal* contendo os textos apresentados no simpósio do ano passado.

ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA DOS SEGUIDORES DA ROSACRUZ

Foi sob a denominação «Associação Filosófica dos Seguidores da



Rosacruz» que, em 1997, o Lectorium Rosicrucianum registrou-se na Rússia como sociedade civil. Suas primeiras atividades iniciaram-se em Moscou, em 1993, com um simpósio e uma exposição: *Quinhentos anos de Gnosis na Europa*. Nessa ocasião, o Lectorium Rosicrucianum realizou inúmeras palestras públicas na Biblioteca Internacional Rudomino, onde se deu a exposição. Semanas mais tarde, essa exposição foi transferida para o Museu Puchkin, de São Petersburgo. As reuniões e os ciclos de cursos tiveram continuidade. Atualmente, contam-se duzentos e sessenta alunos num território duas vezes maior que o Brasil. A partir de 2001, foram realizadas seis conferências por ano. Todos os livros de J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri foram traduzidos e difundidos em russo. Desde 2001, a edição russa da PENTAGRAMA tem sido trimestral.

NOVO NÚCLEO EM GÖTEBORG (SUÉCIA)

Depois de quatro meses de intensa preparação, no dia 6 de abril, sábado, um novo núcleo foi inaugurado em Göteborg. Já em fevereiro, um trabalho conjunto com a Casa da Cultura e a Associação Antroposófica de Järna permitiu a realização, naquela cidade, de um simpósio que reuniu uma centena de pessoas. Na oportunidade, a historiadora Suzanne Akerman fez um relato histórico



da influência do pensamento rosacruziano nos países escandinavos. Este simpósio repetiu-se em Estocolmo, Malmö, Göteborg, Moss (perto de Oslo) e Helsinque.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO CENTRO DE CONFERÊNCIAS EDSHULT NA SUÉCIA

Neste local, algumas pedras de alicerce testemunham a existência anterior de um conjunto de casas, talvez mesmo de um pequeno vilarejo.

dalhões ligados entre si por um círculo de belas rosas de excepcional dimensão, em vermelho, amarelo, branco e preto. Dos doze medalhões, dez foram conservados. Executados por um «mestre francês», segundo versão apócrifa que faz referência à tradição gnóstica, quatro dentre eles têm relação com a história da criação, e seis outros, com a história de Noé. A fama dessa igreja de madeira deve-se à sua arquitetura, notável pelas nove abóbadas constituídas,



Delimitando o castelo existia uma velha fazenda (na sua localização original) e uma antiga igreja. Edshult era famoso pela sua «notável igreja de madeira», que datava da Idade Média e que, segundo vários documentos, não conhecia similar na Suécia em matéria de arquitetura, pinturas e esculturas. A igreja foi, provavelmente, construída em 1337, período em que o catarismo estava bastante difundido na Europa e influenciava, segundo certos escritos, o catolicismo do Norte. Dois terços da população era favorável aos cátaros e havia sido estabelecido contato com o Languedoc, no sul da França.

As paredes da igreja eram cobertas de «diversos textos bíblicos, alguns compreensíveis, outros não». O teto era ornado de quatro vezes três me-

cada uma, pela intersecção em ângulo reto de dois arcos, exclusividade que não se encontra em nenhuma outra igreja sueca da época, e que faz lembrar uma catedral.

A origem de tal igreja, segundo a lenda, deve-se a uma habitante da cidade que, chegando sempre atrasada aos ofícios, tomou a decisão de mandar construir sua própria igreja. Tal pessoa não é mencionada nos documentos religiosos, e tudo leva a crer que a igreja mais bem decorada da Suécia não era conhecida no seu tempo. Sua ornamentação, nitidamente influenciada pelo catarismo, dá testemunho do interesse que o responsável pela obra demonstrava por aquela doutrina. As partes que foram sendo acrescentadas em épocas posteriores traziam também mo-

O jornal Eksjö Kommun de 25 de março de 2002, apresentou uma matéria grande sobre uma visita ao Centro de Conferências de Edshult Säteri.



A águia e o condor, monumento do Centro de Conferências Pedra Angular, Jarinu, Brasil.

tivos cátaros, prova da sobrevivência de tal tradição em Edshult.

Em 1642, Comenius, a convite de um banqueiro holandês, foi à Suécia e encontrou-se com os habitantes de Edshult. O senhor feudal de Edshult desejava ajudar Comenius, mas havia pouca esperança de que o conhecimento da ciência universal encontrasse terreno favorável em seu feudo: *Sabemos que caminhamos para tempos mais sombrios*, teria escrito ele.

Originalmente, o território de Edshult estendia-se até mais perto do lago. A localização que tem hoje foi definida por volta de 1700. Quanto à igreja de madeira, «o precioso relicário de madeira», foi destruída em 1838, e seus objetos, vendidos.

A ÁGUIA E O CONDOR

Em fevereiro de 2002, no Centro de Conferências *Pedra Angular* em Jarinu, no Brasil, foi inaugurado um magnífico monumento em bronze representando dois grandes pássaros: a águia e o condor. Eles simbolizam o encontro do Norte e do Sul, tal como profetizado pelos Incas: *Quando a águia do Norte voar com o condor do Sul, despertará o Espírito da terra.*

Convite para o concerto realizado em Dovadola, Itália.

PORTAS ABERTAS E CONCERTO EM DOVADOLA, ITÁLIA

Sob os auspícios da prefeitura de Dovadola, o Centro de Conferências *La Nuova Arca* organizou, em 7 de setembro, uma exposição sobre *A sabedoria hermética* e *A busca do Graal*. Após um lanche de entrada, foi inaugurada a exposição sobre os dois temas. À noite, os 250 visitantes puderam assistir ao concerto realizado por uma orquestra composta de oito alunos. Peças de numerosos compositores, tais como, Maria Galantino, Cesar Franck, Stefano Esposito, Janzannorov, Erik Satie, Eva Casciello, F. Saverio Geminiani, Wolfgang Amadeus Mozart, Georg Friedrich Händel, Ludwig von Beethoven e Johann Sebastian Bach, foram intercaladas por leituras de textos de Mani, Buda, Hermes Trismegisto, Mikhail Naimy, Antonin Gadál, Dante Alighieri, Johann Valentin Andreæ, Jan van Rijckenborgh e





Catharose de Petri. Música e textos foram gravados em CD, cujas cópias serão vendidas em prol do centro.

NOVOS NÚCLEOS EM ABIDJAN E BOUAKÉ, COSTA DO MARFIM

Dia 23 de janeiro de 2003: últimos preparativos para a inauguração de um novo Templo em Bouaké, que fica a 550 km da costa. Na manhã de sábado, 27 de janeiro, o Templo de Abidjan entrou em funcionamento: grande acontecimento para os cento e cinquenta alunos da Costa do Marfim, que poderão, assim, recuperar a confiança, em um país atormentado pela guerra civil. A Costa do Marfim ocupa uma superfície pouco menor do que o estado de Goiás, e tem cerca de 15 milhões de habitantes.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA EM MALTA

Em Hal Fehr, lugar lindo e tranquilo na costa oeste de Malta, foi realizada, em meados de outubro de 2002, a primeira conferência de re-

novação, com a presença de vinte e um participantes malteses e holandeses. Na seqüência, foi feita uma palestra pública em La Valette, e os quinze participantes que se interessaram foram convidados para um ciclo de cursos e reuniões.

NÚCLEO ROSACRUZ NO MÉXICO

Em setembro de 2002, trinta alunos participaram da instalação do seu primeiro núcleo em uma bela casa antiga em Guadalajara, no México. Facilmente acessível por estar situada no centro da cidade, seus 100m² são ocupados por quatro salas dispostas em torno de um pátio. Os trabalhos de reforma serão assegurados pelos alunos.

POZNAN, QUARTO NÚCLEO DA POLÔNIA

O contrato de locação do quarto núcleo polonês foi assinado em dezembro de 2002. Situado em Poznan, no noroeste da Polônia, esse núcleo forma com outros três – os de Varsóvia, Katowice e Wroclaw – um

Local da primeira conferência em Malta.





1 Centro de Conferência La Nuova Arca, Dovadola, Itália.; 2 A Mocidade em Chatham, NY, EUA.; 3 Monumento do Centro de Conferências Pedra Angular, Jarinu, Brasil.; 4 Novo núcleo no México. 5 Entrada do novo Centro J. van Rijckenborgh em Haarlem, Holanda.; 6 Descerramento das três rosas no novo prédio em Haarlem.; 7 Centro de Conferências na Finlândia.; 8 The Granary, Grã-Bretanha.; 9 O Conjunto Templário em Uny, na Hungria.; 10 Centro de Conferências Renova, Bilthoven, Holanda.

quadrado em torno do Centro de Conferências Aurora, em Wielun. Assim que o quarto núcleo for inaugurado, o que acontecerá em maio de 2003, o campo de trabalho da Polônia – país que tem 38 milhões de habitantes – disporá de um novo templo com capacidade para aproximadamente cem pessoas e de locais espaçosos para as atividades do núcleo, sem considerar o espaço que será destinado à parte administrativa.

O NÚCLEO DE KATOWICE, POLÔNIA, AGORA MAIS ESPAÇOSO

Devido ao aumento do preço de aluguéis, conseqüência do crescimen-

to econômico polonês, a direção do núcleo teve de procurar um novo local. A prefeitura ofereceu um prédio espaçoso, com área de 400m², que a partir de janeiro de 2003, abrigará um templo para 140-170 pessoas e demais dependências do núcleo: uma grande sala, um escritório, uma cozinha e um alojamento para os alunos que vêm de longe. O núcleo de Katowice abrange um raio de 150km.

THE GRANARY, GRÃ-BRETANHA, UM DESEJO REALIZADO

As atividades do Lectorium Rosicrucianum na Inglaterra remontam a 1977, disse o responsável regional, Sr. Marc Chippindale durante a inauguração do Templo The Granary, Little Dunham, Norfolk. Em 21 de outubro desse ano, uma delegação vinda da Holanda organizou a primeira palestra pública em Londres. Em 1987, um templo foi ativado em Redhill, em Surrey, e a partir de então, as atividades expandiram-se em Londres, e de Bristol a Norwich. O núcleo de Redhill foi desativado em 1993 e novos locais foram procurados. No período que se seguiu, as palestras públicas foram feitas em bi-



Entrada do templo em Katowice, Polônia.



Reunião com a imprensa, por ocasião da inauguração oficial do núcleo de Katowice.

blotecas, e as conferências para a mocidade foram realizadas em casas particulares. A necessidade de uma acomodação própria ficou premente. Não se tratava mais somente de um lugar para nos reunirmos, mas de um local pelo qual todos se sentissem responsáveis e que pudesse responder às elevadas exigências do trabalho gnóstico. Examinamos numerosas possibilidades e deixamos passar muitas oportunidades que não puderam se concretizar. Mas, de repente, as coisas aconteceram e, em novembro de 2002, encontramos The Granary, em Norfolk, ou melhor dizendo, The Granary nos encontrou!

Datando do século XVIII, The Granary serviu de batedura e estoque de trigo. O prédio foi, mais tarde, transformado em hotel, e numerosos são os que, na vizinhança, recordam-se dele. *Hoje, aqui estamos, e nosso coração está repleto de alegria porque vemos que ultrapassamos tudo o que foi possível e tudo o que não foi. O Templo tornou-se realidade! Agradecemos aos numerosos amigos vindos da Holanda, da Alemanha, da França e dos Estados Unidos. Nós agradecemos a eles do fundo do coração. Da mesma forma que aos nossos irmãos e irmãs da Suíça, Espanha, Nova Zelândia, Polônia, Suécia, República Tcheca, Áustria, Itália, Alemanha, Bélgica, de Malta e, certamente, de Renova e Noverosa, que manifestaram seu apoio, enviando-nos presentes, cartas e cartões e sustentando-nos financeiramente. Esperamos que este templo seja uma referência para todos os buscadores no mundo.*

Uma centena de alunos veio da Inglaterra, França, Estados Unidos e Holanda para essa grande festa, e muitos vieram com alguns dias de antecedência para ajudar os alunos



ingleses a terminar o trabalho iniciado há 18 meses e concluído com tanta perseverança: pinturas, assoalho, paredes, iluminação, etc. The Granary pode acolher cerca de setenta participantes em conferências de renovação.

Durante o grande acontecimento de inauguração, que se deu em 27 de abril de 2002, o Sr. Jan van Galen, da Direção Espiritual Internacional, declarou em sua alocução: *O que são os trabalhadores sem um campo de trabalho? Esquece-se facilmente que os trabalhadores precisam de um campo. No mundo há muitos trabalhadores que negligenciam a forma; pensam que a forma não passa de uma casca oca. Mas os grãos-mestres da Jovem Gnosis ensinaram-nos a dar grande importância à forma, até aos menores detalhes. E se, durante este serviço, olharmos ao nosso redor, constataremos que este templo, The Granary, corresponde às normas mais exigentes. Afirmamos, então, que hoje temos uma verdadeira forma, uma veste que vos propomos e que pode ser oferecida como um instrumento para o trabalho internacional [...] Cada templo guarda um segredo, uma fórmula secreta. Procurai-a e liberai as atividades das*

The Granary,
Little Dunham,
Grã-Bretanha.

Convite para a apresentação vespertina no Centro de Conferências Christianopolis de Birnbach, Alemanha.



linhas de força que se concentram neste templo – seja no campo de trabalho da Grã-Bretanha, no continente europeu ou no mundo inteiro. Os pesquisadores devem passar pelo porto do The Granary, ser tocados pela força da Luz presente e ter a impressão de que chegaram em casa.

O RETORNO DA ALMA AO LAR

A história da humanidade é marcada pelas religiões. A partir das reli-

Centro de Conferências de Chatham, EUA.



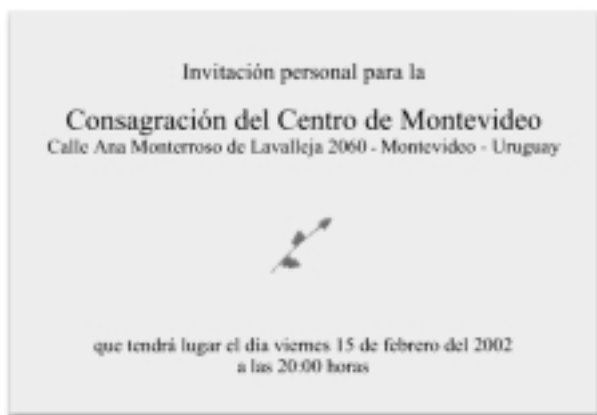
*giões nasceram as civilizações. Seus ensinamentos e dogmas uniram os homens, mas também foram causa de veementes discussões e de guerras. Com estas palavras foram recebidos os convidados para uma tarde especial no Centro de Conferências Christianopolis, em Birnbach, na Alemanha. A alocação, cujo tema foi *O Retorno da Alma ao Lar*, apresentou um resumo dos trinta últimos séculos, baseado em citações de escrituras sagradas. Foi surpreendente constatar que todas as religiões deram a mesma resposta à questão sobre o sentido da vida e que todas fazem referência à semente divina no homem e aos métodos para o seu desabrochar.*

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DA MOCIDADE NO LESTE DOS EUA

Vinte e cinco membros de todos os grupos do Trabalho da Mocidade de Massachusetts, Nova York, Vermont (EUA) e Ontário (Canadá), reuniram-se nos dias 16 e 17 de agosto em Chatham, NY, para a primeira conferência da mocidade da costa leste. Numerosas atividades internas e externas foram organizadas para essa conferência histórica que dará novo impulso ao trabalho da mocidade da costa leste da América do Norte.

CONFERÊNCIA EM VÄHÄKYLÄ, FINLÂNDIA

À beira de um mar radiante, em Vähäkylä, perto de Helsinque, aconteceu, em julho, a primeira conferência nacional finlandesa em dois grandes prédios e dependências alugadas para a ocasião. A foto (p.22) mostra uma estação antiga, em madeira, com quartos confortáveis e um grande hall, que, na oportuni-



de, foi transformado em templo. Dos trinta participantes, a metade veio da Finlândia; a outra metade, da Dinamarca, Alemanha, França e Holanda.

RÁPIDO DESENVOLVIMENTO NA ROMÊNIA

A Fundação Lectorium Rosicrucianum foi registrada oficialmente na Romênia em maio de 2001 e, desde novembro, têm sido realizadas palestras públicas em quatro cidades. Mais de cem pessoas inscreveram-se para o curso de cartas. A partir de então, cresceu rapidamente o número de membros e de alunos. Em setembro de 2002, foi realizada a primeira conferência de renovação em um hotel de Sovata para oitenta e seis participantes que vieram de sete países e de cinco regiões da Romênia. Para 2003, estão previstas quatro conferências no programa desse novo campo de trabalho, que logo festejará seu primeiro aniversário.

NÚCLEO EM MONTEVIDÉU, URUGUAI

Em 15 de fevereiro, às oito horas da noite, foram inauguradas as instalações do núcleo de Montevideu, na rua Ana Monterroso de Lavalleja.

INAUGURAÇÃO DO CENTRO J. VAN RIJCKENBORGH EM HAARLEM

Há setenta e oito anos, os irmãos Leene começaram a organizar reuniões na Bakenessergracht, nº 13, em Haarlem. Foi esse o fundamento da Rosacruz Áurea, conhecida atualmente no mundo pelo nome de *Lectorium Rosicrucianum*. Dezesseis mil alunos estão distribuídos em setenta e oito países, dos quais trinta e cinco têm seus centros de conferências e seus templos. Um dos sete grandes templos, com capacidade para 650 pessoas, encontra-se em Haarlem. Ao seu lado, acaba de ser inaugurado o novo complexo da sede central internacional, com o nome de J. van Rijckenborgh, pseudô-

O novo núcleo de Sovata está situado nas proximidades do centro da Romênia. À direita: Convite para a inauguração do núcleo de Montevideu, Uruguai.



Alocação de inauguração do Centro J. van Rijckenborgh, em Haarlem, em 14 de dezembro de 2002.



Convite para a celebração de abertura do Centro J. van Rijckenborgh, em 14 de dezembro de 2002.
Abaixo: Entrada do Centro J. van Rijckenborgh.

nimo de Jan Leene, fundador da Rosacruz moderna

No sábado, 14 de dezembro de 2002, às 10 horas, um pequeno grupo de convidados reuniu-se diante da porta principal. O Sr. H. Leene tomou a palavra: *Os preparativos deste dia de festa levaram doze anos. O primeiro pilar foi lançado em 20 de junho de 2001, a primeira pedra,*

*em setembro de 2001, e o término da obra deu-se em outubro de 2002. Hoje, quinze meses após o lançamento da primeira pedra, podemos festejar a inauguração. No lugar de algumas casas em ruínas, abandonadas aos invasores, ergue-se agora uma construção, verdadeira jóia que dá à Zakstraat um aspecto completamente novo. Foi neste local, na Bakenessergracht, nº 13, que os irmãos Leene iniciaram seu trabalho, em 1924, numa sala de aproximadamente 60m². Graças à construção deste conjunto, dispomos agora de uma área de 6000m². A Direção Espiritual Internacional do Lectorium Rosicrucianum decidiu dar a este complexo o nome de Centro J. van Rijckenborgh. Em seguida, a Sra. E.T. Hamelink-Leene pronunciou algumas palavras ao descerrar a placa com o nome do novo centro: *Queridos amigos, estejamos todos conscientes, sobretudo os que entraram neste prédio, de que este nome, colocado à porta de entrada, tem profundo significado. Que ele seja uma cidadela**



para muitos. A seguir, ela abriu a porta. Centenas de alunos vindos de toda a Europa que já estavam reunidos na nova sala do núcleo e no restaurante De Rosaeler puderam, de um telão, acompanhar todos os acontecimentos. No grande hall, um tríptico de mármore, oferecido por um grupo de alunos, foi descerrado diante dos convidados, e o Sr. J. van Galen, membro da Direção Espiritual Internacional, tomou a palavra: Cada parte do tríptico simboliza uma rosa estilizada. São, respectivamente, a rosa branca, a vermelha e a dourada, trazendo em letras também douradas a célebre frase dos Rosacruz: Ex Deo nascimur, in Jesu morimur, per Spiritum Sanctum reviviscimus, o que quer dizer: nascidos de Deus, mortos em Jesus, renascidos pelo Espírito Santo. Essa é a profissão de fé dos Rosacruz clássicos. Que todos os que aqui se encontram sejam tocados no coração por esse poderoso símbolo. Que muitos possam compreender a mensagem nele contida e transformá-la em vivência. Foi descerrada, a seguir, uma escultura feita por um aluno russo: A peça representa o homem que provém de duas naturezas e em quem o princípio divino, antes adormecido, é agora trazido de volta à vida. A personalidade é representada por uma janela gótica. Duas mãos devotas seguram um cálice em oferenda: expressão da aspiração e da devoção superiores – duas características importantes do aluno sobre o caminho, daquele que dirige sua alma à Luz e abre suas asas para abandonar a natureza de morte e dor, ao mesmo tempo em que, com amor e sabedoria, envolve a terra e todos os que nela se encontram.

A antiga entrada pela Backnesser-

gracht deu lugar a uma ampla entrada pela Zakstraat. Em torno do templo, foi criada uma área de silêncio, com um magnífico jardim. Um pouco além, encontram-se o núcleo dos alunos de Haarlem e o prédio da administração central, cujo segundo andar abriga o restaurante De Rosaelaer, que funcionará durante todo o ano. Ao longo da Zakstraat, o primeiro e o segundo andares são ocupados pelas salas de reunião, pelos escritórios e depósitos, e o terceiro andar é o apartamento dos intendentos.

A editora internacional *Rozekruis Pers* encontra-se embaixo. De sua gráfica sai a revista *Pentagrama* em quatro das dezesseis línguas em que é editada, assim como a maioria dos livros do Lectorium Rosicrucianum, também publicados em vários idiomas.

Jornal de
Haarlem

Geslaagd huwelijk oud- en nieuwbouw

Nieuwe hoofdzetel Rozencruisers in Zakstraat

door John Donkers

HAAREM – Uitsluitend door er voor Rozencruisers niet zo toe. Toch heeft het meest onogelijke straatje van Haarlem dankzij de realisering van de nieuwe Hoofdzetel van deze internationale opererende religieuze gemeenschap een lachdovende metamorfose ondergaan.

Op de loopjes en metalenhanden in de Zakstraat – niet veel meer dan een tacht tussen Koudehaven en Bakkersgracht – leverden honderden Haarlemmers vroeger hun oud papier in. Nu prijkt naast het hoofddoos van goud – een mozaïek van 17de-eeuwse kerst – een gepolde gevel van rozevuldig metserwerk en vier glazen etiken in betonnen kadens.

De herontwikkeling van de nieuwe hoofdzetel van het Lectorium Rosicrucianum oeffent

de internationale School van het Gouden Rozekruis heeft twaalf jaar gevraagd, waar de fidele bouw maar vijftien maanden duurde. André Oosterhuis en Willem Kristof van Oosterhuis Architecten uit Hoofddorp zijn er voor 4,27 miljoen euro in geslaagd een fraai veld van te realiseren tussen de bestaande Hoofdkampel, de oudbouwe laagje de Bakkersgracht en een nieuwe entree op de hoek van De Zak- en de Bloemertstraat.

De vaak zo gestroefde religieuze gemeenschap wilde niet de maar stalen toe open ogende nieuwbouw maar een combinatie van de stad. Dat is een bekleeddoos doordat de Rozencruisers de sociale van de nieuwbouw is een paar meter teruggetrokken.

In het nieuwe complex vormen vooral de nieuwe, ruisen Centrumaal be-

stemd voor lezingen en presentaties), een nieuwe orielokalen voor de uitgeverij (drukkerij De Rozekruis), een restaurant (De Roselaer), vergaderlokalen, een beheerovereenkomst en een inpandige Japanse tuin op.

Er is hier gewoond met name zonder dat die veronting zich van het resultaat laat aflezen. Volgens Gerard Othoos, lid van een van de nieuw profilla van het Lectorium Rosicrucianum, is het gebouw ook niet gebouwd op de toekomst, maar voort uit de bevestiging van de oude gevel die de Rozencruisers vooral de laatste decennia hebben ondergaan. „Er was ervan overtuigd dat we hier in ruiter van geen tijd weer uit ons jasje groeien”, zegt Othoos bijmoedig, wijzend op de bijna 20.000 bezoekers (onder wie 3000 in Nederland) die bij de broedschap zijn uitgegaan.

Het LR is in 1824 gevestigd aan de kop van de Buisgraaf – opkomst en bloei van de gemeenschap waren vooral het levenswerk van twee Haarlemmers: Jan Leese en H. Stok-Huiser die zich internationaal haan versterken met hun magne van vooral zeventiende-eeuwse Rozencruiser geschiedenis en adeldeur van ingesloten. Het nieuwe nieuwbouw is voortaan naar J. van Rijkenburg, lichte Rozencruiser geldt zijn heke leven lang intamer als „lezing”. Doet is te komen tot interlike versterking, een versterking van de ziel. Huiser is lang omliggend metser en overvloed is de invloed van Bloemertiers door de oetenen been het geweest de antroposofie (Stokhoff



O MISTÉRIO DO GRAAL EM NOSSA ÉPOCA

O mundo conheceu, desde o seu início, inúmeros relatos incomparáveis que enriquecem sua memória. Eles contam a respeito da vinda de divindades sobre a terra, das aventuras de reis poderosos, de mensageiros e de sábios, e sobretudo, de aventuras humanas.

A eternidade sempre fez incursões no tempo. Na memória da humanidade existe uma seqüência ininterrupta de revelações na forma de contos épicos, sagas, evangelhos, canções, lendas, estórias e tradições, relatando a elevada origem do homem que se encontra atolado no tempo e sua heróica procura do caminho de volta.

Eles falam do que chamamos “a queda” e da humanidade que não quer ouvir o chamado da eternidade. Eles falam de seu aprisionamento no corpo material. Mas quem ainda compreende isso? Eles contam que a alma humana está corroída por uma doença quase mortal. Mas também testemunham de todas as exortações e de todas as possibilidades oferecidas e das ajudas ininterruptas trazidas ao homem por meio de uma nova veste adaptada ao tempo.

Uma dessas vestes tem o nome de Graal. Os contos e as lendas do Graal são apaixonantes e têm um sentido profundo. Eles têm freqüentemente uma forte coloração romântica e seu sentido é velado e simbólico. Eles tra-

zem a jovens e idosos algo especial que toca todos e, acima de tudo, a alma humana, pois é para ela que eles se dirigem.

CONTOS QUE SE PERDEM NA NOITE DOS TEMPOS

As lendas do Graal descrevem, em geral, aventuras movimentadas dedicadas à procura da perfeição, e sempre deixaram suas marcas em todos os tempos e regiões. Os especialistas esforçam-se em procurar, no passado longínquo, as fontes que se perdem na noite dos tempos. O Graal não está ligado ao tempo, porém é sempre atual. Ele é, diria o poeta, como o oceano da plenitude eterna: ao sabor dos fluxos e refluxos, ele se afasta e se aproxima como a respiração de uma consciência pronta para nascer.

Em todos os contos do Graal, o pesquisador está simbolicamente à procura de uma realidade superior que deve encontrar no interior de si mesmo. Os outros heróis e personagens não estão no seu exterior, mas são seus próprios traços de caráter que ele deve identificar e olhar de frente.

De onde veio o Graal? No que consiste? Ele não é um objeto material, porém traduz uma realidade espiritual que se dirige diretamente à alma e cuja luz se derrama no coração. O pesquisador reconhece do interior esta realidade, e ao mesmo tempo

compreende que ela não lhe pertence, razão pela qual as pesquisas são tão numerosas e tão vagas. Como em nossa época.

O GRAAL ESCONDIDO NO PRÓPRIO SER

O homem deve *descobrir* que o Graal não é um objeto, e que não o encontrará trancado em algum castelo no coração de uma profunda floresta, mas escondido no seu próprio ser. Começa, então, a procura consciente daquilo que, desde o início, lhe é mais próximo do que pés e mãos. No decorrer de sua exploração, o homem é confrontado com sua ignorância, seu medo e sua imperfeição. Para resolver estes problemas, ele entra em luta e combate até cair. Mas ele terá descoberto também sua sede de verdade, de pureza, seu ardente desejo de ser curado e de achar a salvação.

Antigamente, isso era exemplificado pelas figuras dos cavaleiros que correspondiam, assim como hoje, aos pensamentos, sentimentos e estados de alma do ser humano.

A astronomia estima em algumas centenas de milhares os sistemas galácticos que constituem o universo. Nosso sistema solar nada mais é do que uma ínfima parte de um desses sistemas. No evangelho da Pistis Sophia, a Criação é chamada «o domínio dos doze eões» que a alma percorre ao longo de seus cantos de arrependimento. Esse domínio é comparável às mais profundas trevas, e é semelhante a um grão de poeira.

AS ESSÊNCIAS SE REVESTEM DE CARNE

No *Evangelho de Aquário*, Cristo explica que o domínio da alma é formado de éteres de vibração mais

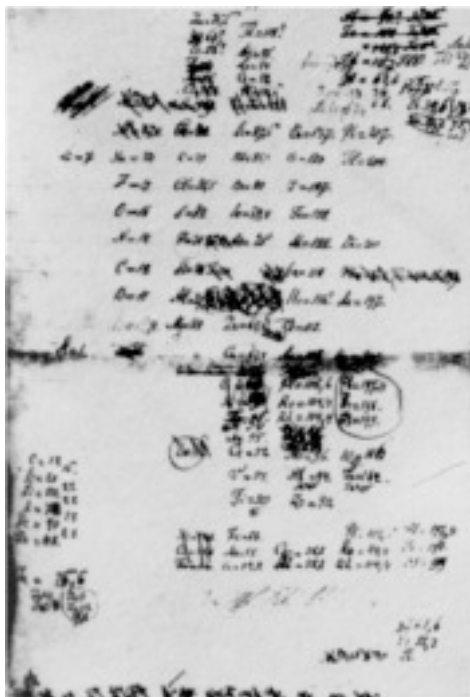
lenta do plano espiritual. Nesse domínio, e num ritmo mais lento, se manifestam a essência da Vida e a do Amor. Na fronteira do domínio da alma, a freqüência do éter diminui mais ainda. Foi assim que as essências se tornaram apenas uma veste e a humanidade foi revestida de carne.

O homem, Manas, o microcosmo, o homem-deus, o homem-Espírito, a mônada, ADM, Adão Cadmon, o homem-alma-espírito, o homem-alma, o homem-Jesus, o homem-João, a veste, o homem decaído, o homem nascido da natureza, o homem animal, a carne, o humano.

Quando falamos do homem, de qual homem se trata? Quem somos nós? Nós que nos chamamos de homens? Somos incontestavelmente nascidos desta natureza. Nosso corpo é carnal e segue o destino de toda a carne. Nós somos carne, quer dizer, matéria viva. Cada uma de nossas células possui uma certa consciência: daí provém nossa consciência inteira, a consciência humana.

Todos os seres vivos terrestres são constituídos de agregados de matéria. Depois de um certo tempo, tudo volta a sua origem. O sopro, a vida, se retira no corpo etérico e se dissolve no grande corpo etérico do mundo. O processo é o mesmo, seja para a terra, para o corpo solar ou para os sistemas estelares. Jacob Boehme chama o universo visível a casa da morte, o que remete ao famoso *és pó e ao pó voltarás*.

Mas sem dúvida há muito mais. O que existe entre a carne e o Espírito? Está o homem verdadeiro escondido em nós? De que natureza é ele? A vida como o ser humano a conhece é uma realidade para ele. Ele experimenta a matéria em todas as suas graduações como sendo a única realidade.



O mesmo ocorre com seu corpo, ao qual ele está firmemente preso, porque o percebe como sendo «ele mesmo». Ao mesmo tempo, ele sente dolorosamente a impermanência, a fugacidade das coisas. É o caminho de toda a carne, mas não é o caminho do homem verdadeiro, de Manas!

No sétimo livro do *Corpus Hermeticum* versículos de 5 a 8, Hermes Trismegisto responde à pergunta de Tat: *Por que, ó Pai, Deus não concedeu o espírito a todos os homens?*, com as palavras: «*Ele quis, meu filho, que a ligação com o Espírito estivesse dentro do alcance de todas as almas como prêmio da corrida [...]* Ele enviou para baixo uma grande cratera cheia de forças do Espírito e um mensageiro para anunciar aos corações dos homens a tarefa: *mergulhai nesta cratera, vós almas que podeis fazê-lo; vós que crestes e que confiastes que ascendereis até Ele que enviou para baixo este vaso de mistura; vós que sabeis para que objetivo fostes criado*».

O Graal, a taça, o vaso, a pedra, e denominações parecidas são os símbolos de uma outra realidade. Eles são uma vibração diminuída de uma realidade superior, de uma outra natureza no tempo, que chama a alma e a impelle a mergulhar nas forças do Espírito, como diz Hermes, a se deixar purificar por elas e a tomar parte na Gnosis, o conhecimento vivo, que a eleva acima de todas as limitações humanas; que a faz renascer e digamos, para esclarecer, não como uma espécie de manifestação biológica superior, mas no corpo etérico puro original.

ULTRAPASSAR INTERIORMENTE O PLANO TRIDIMENSIONAL

O *Corpus Hermeticum* indica mais adiante que todas as almas têm, potencialmente, a faculdade de se unir ao Espírito, mas que só a alma renascida, purificada, pode fazê-lo: a alma que não é restrita aos limites de inteligência, que pode ultrapassar o plano tridimensional. O Graal se encontra fora das três dimensões conhecidas, e no entanto é real; ele é a única realidade para a alma renovada. Não é o caso do homem terreno, feito de matéria, que se fundamenta na matéria e em todos os seus graus de densidade. Para ele o Graal é apenas uma bonita estória, um sonho, uma miragem, uma ilusão.

O plano espiritual se exprime no plano físico-etérico através da alma. Mesmo que a ciência tradicional seja impotente para comprovar esse fato, nem por isso ele é menos verdadeiro. Desde tempos imemoriais existe uma multidão de imagens renunciando a vida superior na vida inferior. O mesmo ocorre na música. Na ópera *Rienzi* de Wagner, Parsifal bate na porta do castelo do Graal dizendo:

Pai todo poderoso, abaixa teu olhar para mim, escuta-me, eu te imploro na poeira. O poder que me veio do teu esplendor, não o deixa ainda cair por terra.

Costuma-se identificar o real com a matéria, a assim chamada realidade nua e crua, inegável, dura como pedra. Mas qual é o grau de realidade do real que, nem numa fração de segundo, é idêntico a ele mesmo? Que está em movimento constante? E por quê?

PESQUISAS NO UNIVERSO E NO ÁTOMO

Essas questões sempre preocuparam os homens através dos séculos. Eles sempre procuraram conhecer as causas, as razões e a coerência da Criação, as raízes da existência. A religião, a ciência e a arte sempre, cada qual por sua vez, ou em conjunto, tomaram a dianteira nas diversas civilizações. Hoje é a ciência que tem a palavra. Ela pesquisa no infinitamente grande e no infinitamente pequeno, no universo e no átomo. Mas o ponto de partida é sempre a matéria em qualquer grau de densidade em que ela se encontre.

O químico russo franco-maçom D.J. Mendeleiev (1834-1907) estabeleceu, em 1869, um sistema periódico que lhe permitiu classificar em sete categorias os elementos químicos conhecidos, segundo seu peso atômico. É uma representação analítica da matéria tendo como primeiro elemento o hidrogênio. A tabela para os elementos radioativos: urânio, netúnio e plutônio, com talvez ainda o elemento nº 95, o amerício. Note-se que os três elementos radioativos citados têm o nome dos três últimos planetas descobertos, Urano, Netuno e Plutão. Segundo alguns esote-

ristas, deve-se ainda descobrir três outros planetas: Ísis, Hermes e Hórus. Já se calculou a trajetória de um deles. É assim que se revelam, passo a passo, à consciência humana, os mistérios da natureza.

Hoje, os elementos conhecidos estão no número 118. Mas a partir do número 95 não os encontramos em estado livre na natureza, e só podemos produzi-los artificialmente; eles têm uma duração de vida muito curta e se comportam de modo imprevisível.

FATOS NÃO DEMONSTRÁVEIS

A ciência moderna, iniciada por Newton, se apóia sobre fatos demonstráveis, reproduzíveis, realizáveis. Mas esses princípios de base se encontram ultrapassados pelas novas descobertas, pelos progressos dos cálculos e das idéias. Por exemplo, foi descoberta, como fato inegável, a existência dos campos de força morfogenéticos que fariam os esoteristas afirmarem que se trata de mundos astrais diferenciados *ad infinitum*.

O químico russo Mendeleiev em seu escritório.





O Graal possui todos os elementos para a cura da alma e do corpo humano. *Vas mirabile.* Manuscrito alemão do século XVI.

A pesquisa nuclear, no século XX, realizou importantes trabalhos sobre a relação espaço-tempo. Pode-se imaginar talvez que Deus seja o espaço. Inúmeros modelos matemáticos foram elaborados e testados para confirmar esta hipótese. Mas nunca se conseguiu. O que se descobriu sem poder explicar é que em todos os cálculos um mesmo fator está sempre presente: o fator PSI. PSI não é um parâmetro químico, porém representa o imponderável, o que os antigos gregos chamavam «alma».

Na época de Platão e de Pitágoras, os gregos já possuíam um bom co-

nhecimento da menor partícula. Eles a chamavam de *atomos*, que significa: o que não se pode cortar, o que não se pode dividir. Mais tarde, ela foi chamada pela palavra «indivisível», quer dizer, o que não pode ser fracionado, o que sobra, o que é indestrutível.

Em nossos dias, o conhecimento do átomo foi consideravelmente aprofundado. O átomo é, sem dúvida, o menor universo conhecido. Um universo no universo. Universos no interior de outros universos. Não é mais a ficção científica, é a realidade. No sexto livro do *Corpus Hermeticum*, versículo 13, Hermes diz a Asclépio: *Ora, se o espaço universal é objeto do nosso pensamento, não pensamos nele como espaço, mas como Deus; e se pensamos no espaço como Deus, ele já não é mais espaço no sentido comum da palavra, mas sim a força ativa de Deus, que tudo encerra.*

Einstein, na sua introdução à teoria da quarta dimensão do espaço, cita a *Doutrina Secreta* de H.P.Blavatsky como fonte de inspiração para estudar a relação entre massa e energia e a relatividade dos dois. Hoje a ciência se debruça sobre a teoria dos movimentos ondulatórios e a etapa seguinte, à qual se chega naturalmente, é que tudo é eletricidade, energia, vibração. Descobriremos agora que a matéria sólida também é energia? Que vibrações de natureza eterna abaixam sua frequência e acabam se transformando em matéria?

Os alquimistas conheciam quatro elementos: fogo, ar, água e terra. A partir daí eles explicavam os quatro corpos do homem: mental, astral, vital e físico. Nas retortas simbólicas, eles se esforçavam para introduzir o homem, segundo sua quádrupla estatura de baixo nível vibratório – o chumbo – na frequência vibratória

divina infinitamente mais elevada, o ouro do Espírito.

O ÉTER, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DA CRIAÇÃO

Os quatro elementos são também os quatro modos de manifestação do átomo. O éter é o quinto modo de manifestação. É o material de construção da Criação. Numa frequência muito baixa encontramos o hidrogênio, elemento de construção da abóbada celeste.

Hidrogênio e oxigênio combinados formam a água, o estado líquido, mas também a neve, o granizo, o gelo e o vapor. Bastante recentemente, no Japão, um estudo pôs em evidência a natureza muito influenciável da água, seja por pensamentos, por palavras, pela música ou simplesmente por uma presença, uma vibração. Ora, o homem é constituído de 80 por cento de água. Mesmo que fosse somente por esta água, o homem é suscetível de ser influenciado, talvez manipulado. Em face de tudo isso, o que pensar de sua independência tão valorizada, de sua autonomia?

No século passado, no final dos anos oitenta, foi provado que as células do corpo humano, dos animais e das plantas, possuíam uma certa consciência, que elas reagiam aos pensamentos e às emoções, como acontece quando da separação do corpo materno. Notou-se, além disso, que o espaço e o tempo nada têm a ver com isso. O ser humano é, portanto, mais do que água, células e órgãos. Mais do que carne. Homens, animais e plantas são dotados de vida e de consciência.

Na «casa da morte», no entanto, a vida consciente é temporal, é ligada à

matéria. Quando há vida não pode haver morte, no sentido absoluto. A morte absoluta não existe. O que chamamos morte é a decomposição dos agregados de matéria. *És pó e ao pó voltarás*. A morte não é o aniquilamento de elementos combinados: é a ruptura das ligações energéticas entre esses elementos.

Pelo contrário, deveríamos ousar constatar que não há nenhuma vida verdadeira onde as ligações podem ser rompidas: esse é o reino da morte. A vida é, no máximo, uma forma de existência, uma vibração material aprisionada na carne concreta. Mas é evidente que o homem possui algo mais.

No Gênesis é mencionado que o Espírito pairava sobre as águas. A mais elevada emanção do incognoscível se exprime na substância primordial. A criação se manifesta como éter. Hermes diz que o universo se exterioriza em sete círculos. Os relatos cosmológicos falam de sete estados de manifestação etérica, concernente ao homem original, segundo o espírito, a alma e o corpo.

J. van Rijckenborgh escreveu, na *Filosofia elementar da Rosacruz moderna*, que assim que o espírito central ou mônada se desprende do átomo primordial, este último se manifesta sob uma tríplice forma espiritual que, a partir da substância primordial, procede à realização do homem original tríplice. No corpo se exprimem a alma e o espírito. Na alma se manifestam o corpo e o espírito, e no espírito se revelam a alma e o corpo. Tal é o eterno original. Mas, no campo vibratório da humanidade, outras forças estão trabalhando. Tudo muda constantemente em seu contrário e, para a maior parte dos seres, o sentido da manifestação original se perdeu.



«TU DEVES, Ó ALMA, CHEGAR
AO CONHECIMENTO DE TEU SER»

Tudo isto explica a ajuda trazida aos homens e a descida do Graal em nossa época também. Ao homem terreno, que carrega e encerra em si o homem verdadeiro, se apresenta o Graal em toda a sua realidade. Compreenderá ele este mistério? Procurará ele o Graal no seu interior e não no exte-

rior? Hermes coloca estas perguntas no *De castigatione animæ* (Do castigo da alma): *Deves chegar, ó alma, ao conhecimento de teu ser, suas formas e seus aspectos. Não pense que o menor aspecto do qual desejas adquirir o conhecimento esteja fora de ti; não, tudo que deves conhecer está no teu interior.*

Agora que o mundo entra na era de Aquário de um ano estelar, ele perde

O homem busca a verdade em si mesmo e ao seu redor.
Ilustração
Pentagrama.

de sua densidade material. Ele se torna como que transparente: tudo se torna manifesto, visível e sobretudo conhecido. Nada, nem pessoa alguma, pode mais se dissimular. As cristalizações voam em pedaços. Todas as juntas da velha casa começam a rachar. O sofrimento da humanidade e a imperfeição de todos os homens aparecem com mais nitidez. A humanidade sofre de fato. Sua alma está doente. Muitos o vêem e tentam colocá-la no bom caminho. Mas como e onde achar esse caminho?

Se Parsifal, o buscador, e cada um de nós, virmos o Graal passar diante de nós, faremos a boa pergunta: de que sofre o nosso interior, o homem-alma-espírito original revestido de carne?

O GRAAL E SEU SIGNIFICADO ESPIRITUAL

Aquele que não tem a menor idéia do que é o Graal, não pode fazer esta pergunta. Pelo menos ainda não. Ele deve percorrer um longo caminho antes de começar a procurar o Graal. Através de inúmeras encarnações, a escola da vida lhe permite amadurecer, chegar a se perguntar por que leva o nome de homem, começar sua procura, a procura do por quê. Assim, muitos seres, atualmente, estão à procura do Graal e de sua significação.

Hoje, é grande a questão da espiritualidade. Nesta vida agitada, isto se traduz pela meditação, a volta sobre si mesmo e a reflexão.

O homem está à procura de equilíbrio e de calma. Porém, no máximo, ele encontra uma espécie de êxtase místico ou de iluminação. Um modelo temporal de harmonia temporária.

Mas será somente essa a finalidade do homem agora que a espada de dois gumes do Espírito Santo tomou forma

no Graal? A espada da qual Jesus diz no evangelho de Mateus: *Eu não vim trazer a paz mas a espada?* A espada de fogo que, como a taça simbólica contendo a essência espiritual, possui o poder de separar o puro do impuro?

As pessoas com tendências materialistas consideram a espiritualidade como um absurdo, uma impossibilidade, um engodo para ingênuos. É preciso imergir-se no vaso sagrado para que o Espírito possa se religar à alma renascida. Essa unificação ultrapassa todo entendimento. É a manifestação da onipresença, a quarta dimensão que chamamos também de passagem, a passagem para a quinta, para a sexta e para a sétima dimensão, a qual é absolutamente espiritual.

É PRECISO LIBERAR O GRAAL

O lugar do encontro da alma com o Espírito é o Graal. É um campo vibratório que ressoa em uma oitava elevada, totalmente imaterial. É a verdadeira antimatéria, o vazio no mundo das polaridades. Mas o Graal não cai, assim, do céu. É preciso liberá-lo através de uma experiência vivida. A força libertadora é toda poderosa e penetra, assim, o universo tridimensional. Para poder ajudar a humanidade, ela deve se manifestar sob forma de um campo de energia não terrena. É preciso que o Graal seja um braseiro.

Existe, de um lado, uma ajuda sobrenatural que procura os extraviados, e do outro, o homem que sente interiormente que é um filho perdido. A ajuda da força do amor e o homem que procura a liberdade se aproximam um do outro progressivamente: «semelhante atrai semelhante». Em um determinado momento, eles se reencontram e se cria um foco. A gnosis vivente, o conhecimento direto de

Deus, começa a se revelar. É o resultado de uma espécie de indução, de uma interação inconsciente tornada possível por uma receptividade à Gnosis. Não há nenhuma mistificação, nenhuma manobra experimental; estamos em presença de uma realidade pura, elevada, científica. É uma questão de vibração de átomos que voltam a ser portadores das essências espirituais. É a manifestação do quinto éter. Ela não se produz simplesmente pela força das coisas, mas por um processo de transmutação seguido de um processo de transfiguração.

O REI DO MICROCOSMO

O Graal é o poder ativo da origem se manifestando em nossa época.

Todas as almas que podem são convidadas a se imergir nele, a se purificar, a se dessedentar e viver total e definitivamente. Os alunos da Rosacruz Áurea estão, como tantos outros, à procura do Graal. Conforme o sentido e a finalidade da vida, eles exploram as últimas profundidades de seu ser e deduzem as conseqüências que se impõem. O homem exterior faz parte integrante do mundo, o homem interior é o rei doente, Amfortas, deitado entre as paredes de um castelo de difícil acesso: o rei microcômico, o homem original revestido de carne. Ele deve crescer à medida que o eu consinta em diminuir. Neste sentido, os homens de hoje são cavaleiros do Graal e cavaleiros da mesa redonda. Desde que consigam concordar entre si.

O Graal compreende numerosos aspectos. Ainda que ele continue a se manifestar em nossa época, sua definição não pertence a este mundo. Ele não tem relação com o tempo. Ele é onipresente. Ele é a força etérica, a energia cósmica, a mão estendida da

Gnosis, a porta da vida.

O Graal é sem dimensão, sem limite. Ele é uma vibração vinda do domínio da humanidade das almas viventes. Ele se revela àqueles que compreendem que vivem numa realidade fragmentada e que desejam contemplar a plenitude e se incorporar a ela. O Graal é a barca celeste, ainda em nossos dias. Ele quer consolar todos os homens e lhes mostrar o sentido de sua existência. Ele quer ser conhecido e revelar-se à consciência.

A BARCA CELESTE DE NOSSO TEMPO

O Graal vai de leste a oeste, do domínio da luz ao país das trevas. É uma baliza na noite dos tempos. Aquele que o procura percorrerá o caminho numa profunda fraternidade de alma com muitos outros pesquisadores. Aquele que ainda não procura será esperado com a mesma solidariedade. O Graal mergulha suas raízes além dos tempos. Ele chama o homem após tempos indizivelmente longos. Ele espera todos os homens com uma paciência infinda. A verdade, a realidade, não é o que se pensa: ela é. As estrelas, os planetas, os mundos, os elementos, os átomos, os núcleos, e tudo o que resta a descobrir, existiram desde sempre. Nós os descobrimos quando nossa consciência está receptiva.

Os mensageiros, os sábios, os evangelhos, as escolas espirituais, as lendas do Graal, todos têm a revelação da eternidade no tempo. O homem que abre o seu coração compreende a finalidade para a qual ele foi criado. Ele se torna consciente. Gustav Meyrink em *Das Haus zur letzten Latern* (A casa da última lanterna) diz: *Hoje, depois de uma longa noite dolorosa, senti as escamas me caírem dos olhos e agora eu sei em verdade o sentido da vida.*

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS DOS MISTÉRIOS NO CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

Pesquisar, descobrir e percorrer o caminho da libertação interior é o que há de mais importante para um rosacruz moderno. O objetivo desse processo é a fusão da personalidade purificada e da alma renascida com o Espírito divino, de modo que a transfiguração de toda a entidade possa ter prosseguimento. Esta nova tri-unidade não será mais rompida pela morte.

É esse um processo individual? Sim e não. Sim, no sentido de que o eu, ao longo de suas tribulações, oferta à alma em crescimento mais e mais espaço. Não, porque a ligação tecida entre a personalidade, a alma e o Espírito de Deus se harmoniza com a meta da Criação e se comunica a tudo que vive. A personalidade, que se manifesta pelo corpo físico, é a ferramenta, a alma é a mediadora e o Espírito é a fonte da Vida. O homem que realizou esta tri-unidade nada pode senão oferecer o amor a seu próximo, no qual a centelha divina original também está cativa. A oferta de um significa a libertação do outro.

Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos irmãos (I João 3:16). Trata-se da aceitação total de todos os homens e de todos os povos, com suas diferenças culturais e religiosas. Os gnósticos sempre foram conscientes de ter de rea-

lizar esta lei: aquele que ama Deus, ama também seu próximo. Todo sistema de pensamento que diz respeito ao renascimento da alma e a seus processos só tem valor mediante o ato puro. Encontrar e trilhar o caminho da libertação interior não é possível a não ser que *oração e ação andem juntas.*

O MUNDO FACTUAL É MAIS POBRE DO QUE O MUNDO DAS POSSIBILIDADES

Na base de uma tal vida está a humildade. É uma atitude, um ponto de vista que não se aprende, mas que resulta de numerosas experiências. Humildade é consciência. Os progressos do autoconhecimento permitem ao candidato descobrir o quanto ele está longe de sua origem, a que ponto seu eu se tornou uma caricatura do homem verdadeiro e nada pode senão humilhar-se diante de seu Criador. Esta é uma fase do processo em que o eu voluntariamente cede caminho à Luz.

Nos dias atuais, em que os acontecimentos mundiais trazem tantos transtornos, em que as ameaças e a angústia crescem, é importante determinar nosso lugar no mundo, pois somente um homem bem apoiado sobre seus pés, e não um homem fora de seu eixo, pode representar algo para seus semelhantes. Somente dessa forma, a partir de sua própria situação de vida, ele ofertará as possibilidades desenvolvidas para reali-

zar sua missão. No decorrer desse processo, ele ousará entregar-se à inspiração divina. Isso é a endura, a auto-rendição ao Outro nele. É também a descoberta de que o mundo factual é mais pobre do que o mundo das possibilidades, as quais progredem graças ao discipulado. Pouco a pouco chegamos à compreensão de que o real não está no exterior, mas no nosso interior.

Esta compreensão abre novos horizontes. Vemos a realidade sob um ângulo que se desloca da visão exterior para a visão interior. Praticar o «amar Deus é amar seu próximo» exige que os pensamentos, sentimentos e atos estejam em concordância com uma orientação pura. Isso exige também um desprendimento e uma neutralidade em relação a tudo o que ocorre na vida corriqueira. Só alcançaremos esse estado se a alma estiver no centro de nossas preocupações, livre de toda influência pessoal.

Na era de Aquário, os planetas dos mistérios, Urano, Netuno e Plutão, entram em cena a fim de que se realizem em cada homem as mudanças existenciais necessárias. Suas radiações na oitava superior, que não é uma luz visível, agem no sangue porque o homem reage primeiramente a partir de seu estado sanguíneo, cada um a sua maneira. Há duas respostas possíveis: absorver-se sempre mais nos poderes limitados de sua personalidade, ou então libertar-se deles e seguir o desabrochar da alma. Os planetas dos mistérios têm uma importância capital na libertação da alma.

A LEI INTERIOR

Urano age no coração suscitando a inquietação e o desligamento dos

antigos valores e tradições desprovidos de força. A atividade espiritual de Netuno é exercida sobre o pensamento e desintoxica a cabeça, a fim de que o toque divino no coração seja compreendido. A partir de um coração purificado e renovado, a alma se liberta e se prepara para receber diretamente a sabedoria divina. Ela vivencia a libertação. E sua libertação tem influência sobre a libertação de tantas outras almas danificadas. Tal é a lei interior! Aquele que busca a libertação – não tanto para ele mesmo, mas principalmente para os outros – trabalha para a libertação da humanidade.

O campo de irradiação de Plutão oferece as forças necessárias para vencer os obstáculos. Ele é a força dinâmica da realização. Ele ajuda a pôr em prática a nova atitude de vida que faz a alma conquistar a imortalidade.

A era de Aquário põe fim aos poderes e às limitações da era de Peixes. Ela traz um novo impulso da força cósmica universal que abolirá a prisão que representa o ego humano. Como o homem vai reagir? Cabe a ele resolver. Ele pode alegrar-se com o encerramento de sua viagem através do vale de lágrimas. Mas pode ser também que ele não veja as novas possibilidades e se agarre às antigas. A primeira reação, positiva, o liberta. A segunda, negativa, o encerrará nos limites e diminuirá cada vez mais seu raio de ação.

A ciência dos planetas dos mistérios ajuda a compreender a revolução cósmica que se opera atualmente. Ela fornece indicações ao candidato. Aquele que não quer ou ainda não pode percorrer o caminho não se beneficiará com isso e até negará a influência dos planetas. No entanto, Urano, Netuno e Plutão não apare-

ceram por acaso. Eles foram redescobertos, mas sua presença no universo data de milhões de anos, não o ignoramos. Em sua viagem através do universo, a humanidade se encontra atualmente em uma certa relação com a posição desses planetas, de tal modo que suas radiações lhe chegam sob um novo ângulo. Eles ativam determinados poderes latentes e eliminam outros. É aconselhado encarar os acontecimentos mundiais sob essa ótica. O que ocorre hoje é uma emanção dos pensamentos, dos sentimentos e dos atos que foi comunicada às esferas mais sutis há muito tempo e que se manifesta, agora, na matéria grosseira. Assim, compreendemos que eles devem se produzir. São como nuvens de tempestade que se descarregam.

REAGIR PELA DESTRUIÇÃO?

A missão da humanidade atual consiste em se preparar para uma nova evolução de poderes da cabeça, do coração e das mãos. E isso exclusivamente com base na lei gnóstica: quem ama Deus, ama seu próximo. A Luz do criador se derrama sobre nós, irradia no mundo através de corações, cabeças e mãos de homens purificados. Eis em que consiste o Chamado de nosso tempo! Ele repousa na compreensão dessas coisas, mas sobretudo numa motivação pura, a partir da qual o homem pode entregar-se à Luz, da qual uma parcela se encontra nele, como um germe divino latente.

O homem moderno, autônomo, talvez se pergunte se seguirá esse chamado. Enquanto ele ainda não tiver feito a escolha, ele pode refletir e tomar uma decisão, se preciso for. Entretanto, atacamos a democracia

«em nome de Deus». Somos vítimas de uma destruição em grande escala «em nome de Deus». Mas esse «em nome de Deus» não será uma outra forma de dizer «em nome do capitalismo»? Ou do comunismo? Ou do cristianismo? Ou do islamismo? Ou de qualquer outra forma de dominação mundial? O candidato que escolhe tomar o caminho da libertação interior não obstaculiza apenas a si mesmo, mas também ao seu semelhante. Sim, à criação inteira. Todas as dominações atuais acabarão por se dissolver e desaparecer para dar lugar à nova era onde o verdadeiro amor ao próximo, a luz crística universal, transformará a vida terrestre e a levará a uma esfera superior de evolução.

O peregrino entra pela porta da morte.
Death Door, Gates of Paradise
(A Porta da Morte, Portais do Paraíso).
William Blake, 1793.



O SIMBOLISMO DO PÃO E DO VINHO

O simbolismo do pão e do vinho é muito antigo. Nós o encontramos em várias ocorrências sob forma de parábolas, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

O pão e o vinho são elementos essenciais da vida cotidiana. Eles se prestam em especial para a comparação entre a alimentação comum e o alimento espiritual. O corpo físico perece sem subsistência: da mesma forma, a alma definha sem alimento espiritual. Estes símbolos foram utilizados nos mistérios pré-cristãos, e mais tarde, nos mistérios cristãos. Sublimes arcanos transmitidos de forma alegórica.

Na antigüidade, considerava-se a própria natureza como uma parábola, como a representação da realidade oculta por trás dela. A produção de trigo para o pão e a cultura da vinha para o vinho foram sempre eminentes atividades das civilizações. Pão e vinho foram sempre considerados como dons celestes. A mitologia grega ilustrou e descreveu amplamente estas graças concedidas aos seres humanos.

O pão de cereais sustenta o corpo físico perecível: o pão espiritual constrói e mantém o corpo espiritual. Na primeira Epístola aos Coríntios, Paulo diz que o corpo físico foi formado antes do corpo espiritual, o qual precisa da assimilação das forças do pão e do vinho divinos.

Nos mistérios de Elêusis, a deusa Demeter dá o trigo aos homens e os ensina a cultivá-lo. Dionísio, o deus do vinho, era representado seguran-

do uma taça, coroado de sarmentos e de cachos de uva. Para os gregos, beber vinho era uma nobre tradição e dar de beber, uma honra. Porém, embebedar-se era considerado uma barbaridade. Beber o vinho do Espírito requer condições interiores especiais, assim como uma perfeita compreensão da realização que deve ser atingida. Esse vinho provém do próprio Espírito para purificar o homem interiormente e prepará-lo para receber diretamente o Espírito. O vinho sagrado é dinamizante. O Novo Testamento nos previne claramente de *não por vinho novo em odres velhos*. Antes de poder receber o vinho novo é necessário uma purificação interior, uma transmutação e uma renovação. É necessário saber se a alma está perfeitamente preparada; se ela atingiu a elevação indispensável; se ela não se deixa mais arrastar para baixo; se ela persevera em seu desprendimento. O vinho do Espírito age como um remédio espiritual para sanar a alma doente. Os mistérios fazem sempre ressaltar esse poder de cura.

O vinho da terra obscurece a consciência. O vinho do Espírito a clareia. O pão espiritual tem esse mesmo efeito. A história da milagrosa multiplicação dos pães, no Novo Testamento, mostra que ele é um maná inesgotável: enquanto se tem fome do Espírito, este pão está disponível.

Sem o pão e o vinho do Espírito, não há crescimento espiritual possível. Numa outra parábola, o Cristo é a cepa da videira e as almas são os sarmentos. O cultivador da vinha –

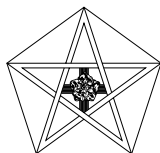


A deusa grega Demeter carregando um feixe de trigo e uma foice. Aquarela de Thomas Stothard, início do século XIX.

Deus – apara os sarmentos para que eles produzam fruto em abundância. Os ramos doentes não dão frutos. Eles não podem receber a seiva do Cristo. É por isso que a cura, a santificação e a restauração são a primeira exigência. Esta parábola mostra os processos de purificação e de transformação que devem ser realizados para permitir o crescimento

espiritual. O mesmo tema é retomado nas núpcias de Canã onde Cristo transforma a água em vinho.

A revelação destes contos simbólicos traz uma nova compreensão e nos incita a procurar o caminho interior que conduz à vida original. Assim, a partir de um mistério obscuro, chegamos à luminosa compreensão.



*Jean: "A vida é uma luta. É covardia não lutar!
É preciso segurar as pontas até o fim.
Não me deixo ficar à deriva. Vou sempre
para frente, no caminho certo!"*

*(Quem não trabalha por seu renascimento,
trabalha por sua morte, página 3)*